

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Tiragem desta edição 26.000 exemplares

Ano XXIV nº 1330 - 21/12/2015 a 31/12/2015

PARANAGUÁ

NAVEGANDO EM ÁGUAS CALMAS

Cana
Nas mãos
de El Niño

Sucessão familiar
Trabalho de gerações
em Assaí



FALTAM
138
DIAS PARA O
TÉRMINO DO PRAZO

www.sistemafaep.org.br

Quem olha para os números da economia em 2015 pode dizer que este foi um ano perdido. Afinal, o PIB encolheu violentamente e o desemprego, que parecia domado, está em alta novamente. A política também vai mal: mesmo na crise que marcou o processo de impeachment e a renúncia de Fernando Collor, a quantidade de políticos importantes envolvidos nas denúncias era menor que agora. Desta vez, parece que a corrupção está espalhada e atinge uma ampla gama de níveis administrativos, de partidos, de ideologias.

Quer descanso das más notícias? Dê uma olhada nos dados do campo. O agronegócio brasileiro consegue ir bem, sim, mesmo quando o restante do país vai mal. Não que estejamos imunes a riscos – reportagens sobre o custo de produção da suinocultura e sobre as tendências do mercado de cana mostram que há sombras ameaçando os negócios. Mas o trabalho honesto e incansável do agropecuarista tem sido recompensado.

Nesta edição, entre outros assuntos, você vai encontrar um perfil do presidente da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (Appa), a empresa pública que cuida do ponto final da logística da nossa produção. Os números do porto também estão ali. E não é que as coisas andam melhorando por lá?

O ano está no fim e todos merecem um descanso. A você, leitor, a equipe do Boletim Informativo deseja um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de alegrias. A próxima edição do BI volta a circular no dia 28 de janeiro.

Boa leitura!

Índice

Ciência	03
Cana-de-açúcar	04
Seminários	06
Meio Ambiente	08
Mulher Atual	09
Agrinho	10
Artigo: Edson José Ramon	15
Sucessão Familiar	16
Porto de Paranaguá	18
Manejo Integrado de Pragas	22
História: Futebol	24
Projeto Político Pedagógico	26
Solos	29
Suinocultura	30
Conseleite	32
Seguro rural	33
Notas	34
Eventos Sindicais	35
Via Rápida	38

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figueira | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1330:

Fernando Santos, APPA, Milton Dória, André Amorim, Michel Willian, Divulgação e Arquivo FAEP

O solo como tema

O comitê gestor da Rede Paranaense de Agropesquisa e Formação Aplicada elegeu o solo como primeiro tema para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa aplicada em rede



Representantes de 20 instituições que responderam ao convite da Rede Paranaense de Agropesquisa e Formação Aplicada participam de um workshop nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro, em Curitiba. Juntas, elas representam as entidades da agropecuária no Estado, as instituições de pesquisa públicas e privadas e as universidades federais, estaduais e particulares. Juntas elas listaram as prioridades da pesquisa aplicada que será desenvolvida no Estado e definiram as primeiras diretrizes do I Edital de Pesquisa Aplicada em Rede.

O primeiro tema de trabalho definido pelo Comitê Gestor da Rede foi o uso e conservação dos solos. A proposta inicial aprovada para o Edital contempla três grandes linhas e ações: Gestão integrada dos solos, Proteção e manejo do solo e Planejamento territorial para a proteção do solo e da água.

Um dos representantes dos produtores rurais é o agricultor e presidente do Sindicato Rural de Toledo, Nelson Paludo. “Do ponto de vista dos produtores, esperamos que as pesquisas sejam realizadas de forma regional, pois o Estado do Paraná tem muitas diferenças em sua extensão. Hoje a demanda da região Oeste é o vazio do solo após a colheita do milho, que causa erosão e o

aparecimento de ervas daninhas resistentes”, disse.

Além do Sistema FAEP/SENAR-PR também participa da Rede a Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha e Irrigação (Febrapdp) representando os produtores. De acordo com a bióloga Marie Bartz, representante da Febrapdp, os produtores que usam o Sistema de Plantio Direto têm uma demanda antiga por alternativas de rotação de cultura que tragam benefícios físicos, químicos e biológicos ao solo, ao mesmo tempo em que promova retorno financeiro para o produtor. “Buscamos outro modelo para sairmos do utilizado atualmente, soja/milho/trigo/aveia”, comentou.

Para o tema solos responderam ao convite da Rede as seguintes instituições: Sistema Ocepar, Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetaep), Secretaria da Agricultura (Seab), Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Embrapa, Emater, Codapar, as universidades federais do Paraná (UFPR) e Tecnológica (UFTPR), as universidades estaduais do Centro-Oeste (Unicentro), Ponta Grossa (UEPG), de Maringá (UEM), do Norte do Paraná (UENP), a Universidade Positivo, as fundações de Pesquisa Agrária e ABC; o Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) e o Núcleo Estadual Paraná da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo (Nepar).

O clima é a chave

Apesar de haver mais cana no campo, chuva dificulta colheita e limita processamento nas usinas



Em ano de El Niño, o clima será uma das principais variáveis que irão definir o desempenho do setor sucroenergético paranaense. A informação vem de um estudo produzido pela engenheira-agrônoma Sílvia Digiovani, do Departamento Técnico-Econômico (DTE) da FAEP, que analisa a situação atual do setor sucroenergético e as perspectivas para a safra 2016/17.

Fruto das condições climáticas favoráveis até o momento, a atual safra paranaense (2015/16) registrou uma produtividade média de 74 toneladas por hectare, índice superior ao registrado na última safra (2014/15) que foi de 66,30 t/ha. Além da produtividade maior, a qualidade da cana também melhorou. Segundo o estudo, o ATR (índice que mede a quantidade de açúcares da planta) foi, em média, de 136,82 Kg ATR/tonelada no, acumulado até a segunda quinzena de outubro e a expectativa é que feche o ano com 135,10 Kg ATR/t. Para efeito de comparação, na safra anterior esse índice foi de 128,37.

Apesar do benefício inicial do clima, no momento o excesso de chuvas está prejudicando a colheita. No Norte do Estado, alguns produtores estão com dificuldade. “Está chovendo bem. Estamos há dez dias tentando colher a última área”, afirma a produtora Ana Thereza da Costa Ribeiro, presidente do Sindicato Rural de Pore-

catu e vice-presidente do Conselho dos Produtores de Cana-de-açúcar, Açúcar e Álcool do Estado do Paraná (Consecana-PR).

Segundo ela, em um primeiro momento o clima ajudou no desenvolvimento das lavouras. “A cana está muito bonita, teve muita chuva, muito calor. Se já estivesse tudo colhido, o El Niño seria ótimo”, avalia a produtora, que espera finalizar a colheita em dezembro. Neste ano, a produtividade nas suas lavouras ficou acima da média do Estado, marcando 86,5 t/ha.

O bom resultado é fruto da renovação do canavial, realizada nas últimas duas safras. Para esse processo, Ana Thereza contou com linha de crédito Programa de Redução da Emissão de Gases de efeito Estufa em Agricultura (ABC), do Banco do Brasil. Quando coloca as contas na ponta do lápis, a produtora afirma que o preço cobre o custo direto operacional, mas não o custo total, que leva em conta também a depreciação dos equipamentos. Apesar disso, o cenário ainda é melhor do que o encontrado no ano passado. “Nos últimos três meses melhorou muito em função do dólar e do aumento do etanol”, observa.

Segundo a produtora, os itens que mais pesaram no orçamento foram mão de obra e fertilizantes, este último impactado pela alta do dólar. O custo da renovação dos canaviais também é significativo.

Como está migrando da colheita manual para a colheita mecanizada, é necessário sistematizar o terreno para a passagem das máquinas, o que envolve adequar estradas, terraços e curvas de nível.

Nesta safra, a área plantada com cana no Paraná é de 650 mil hectares. De acordo com acompanhamento da Alcopar, até o dia 16 de outubro foram moídas no Estado 31.811.432 toneladas de cana, volume 5% menor do que o registrado no mesmo período do ano passado. Apesar de haver mais cana em campo este ano, a dificuldade da colheita coloca a projeção para a moagem nos mesmos patamares da safra anterior, que fechou em pouco mais de 43 milhões de toneladas. Dessa forma, apesar da maior produtividade por hectare, a impossibilidade de colher a cana por conta da chuva limita a capacidade de moagem das usinas.

A análise da FAEP prevê um rendimento de R\$ 71,00 por tonelada de cana nesta safra, uma média de R\$ 5.254,00 por hectare. Este é um cenário mais favorável do que o encontrado na safra anterior, quando a tonelada da cana ficou em R\$ 60,37. Para a safra seguinte (2016/17) a FAEP trabalha com três cenários distintos: um conservador, um otimista e outro mantendo as condições atuais (veja a tabela).

Açúcar

Segundo o professor de Estratégia na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP), Marcos Fava

Neves, existe um déficit de açúcar no mercado mundial nesta safra 2015/16 que varia entre 2,5 milhões de toneladas e 5,6 milhões de toneladas, de acordo com análise de diferentes consultorias. Estima-se que as usinas brasileiras já tenham vendido cerca de 30% do açúcar que será exportado em 2016/17. A média neste momento do ano seria de 10%. As chuvas no Centro Sul, o maior consumo de etanol e o provável déficit de açúcar contribuem para a alta nos preços. O açúcar cristal atingiu o valor de R\$ 75/saca de 50 kg em outubro.

Etanol

Segundo Fava Neves, a alta nos preços do etanol no Brasil já está dificultando as exportações do produto para os EUA. Segundo dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Única), em outubro as vendas de etanol das usinas para as distribuidoras chegou a 1,7 bilhão de litros, volume 37% maior do que o registrado no mesmo período de 2014.

As vendas da produção desta safra, até o final de outubro, somavam 17,77 bilhões de litros, sendo 16,54 bilhões para o mercado interno e 1,23 bilhões para exportação, percentual 25,3% maior que o registrado em 2014. De acordo com a Datagro, o aumento no consumo, na ponta final está ao redor de 40%.

O preço do etanol hidratado chegou perto de R\$ 1,80/litro na usina. Trata-se do maior preço nominal já registrado pelo Cepea em mais de 12 anos. O etanol anidro atingiu R\$ 1,90/litro.

PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

	CENÁRIO 1 Mantidas as condições atuais	CENÁRIO 2 Conservador	CENÁRIO 3 Otimista
Produtividade	74 t/ha	66 t/ha (produtividade mais baixa das últimas 5 safras)	78t/ha (+5,5% de acréscimo na produtividade atual)
Área plantada	650mil ha	650 mil ha	650 mil ha
Capacidade de moagem	580 mil ha Efeito El Niño (chuvas diminuindo nº de dias de colheita)	580 mil ha (Efeito El Niño)	600 mil ha (Melhora nas Condições climáticas)
Produção	43 Milhões de toneladas	38,28 milhões de toneladas	46,80 milhões de toneladas
Kg de ATR/t de cana	135,10 (até outubro)	135,10	137
R\$/kg do ATR	R\$ 0,5256 (até outubro conforme Consecana PR)	R\$0,4523 (média das últimas 5 safras)	R\$0,5256
R\$/t de cana	R\$ 71,01	R\$ 61,10	R\$ 72,00
Valor da produção	R\$3.053.430.000	R\$2.338.908.000	R\$3.369.600.000

Fonte: DTE/FAEP

De olho em 2017

El Niño já causa danos na safra brasileira e vai influenciar a cotação da soja em Chicago



Em parceria a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Sistema FAEP/SENAR, Embrapa Soja e o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP) realizam há nove anos o levantamento Campo Futuro, uma pesquisa sobre competitividade regional da soja/milho e do trigo na região Sul; evolução do custo de produção e orçamento para a safra de soja que está no campo. Nesse ano foram coletados dados em 11 Estados (Mato Grosso, Maranhão, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Tocantins, Piauí, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), 28 municípios envolvendo mais de 50 mil hectares cultivados.

Os resultados foram apresentados em um seminário em Londrina (26/11), onde também foram feitas duas palestras técnicas: uma análise de mercado com o economista, Paulo Roberto Molinari, da consultoria Safras e Mercado, e, outra sobre manejo de plantas daninhas, principalmente buva e capim amargoso, com o pesquisador da Embrapa Soja Dionísio Gazziero.

“2015 foi um dos anos mais complicados. As dificuldades aconteceram por variáveis externas e internas. Mas a situação interna trouxe um quadro bem preocupante e esse processo não vai acabar com o final do ano. Ao contrário, vai se estender em 2016, que para o agronegócio, já começou. Estamos no meio de um El

Niño bastante forte, de uma bagunça interna econômica e política sem precedentes”, afirmou Molinari.

Diante desse quadro o economista propôs um exercício de reflexão aos produtores, o que podemos esperar de 2016? Para o agronegócio o primeiro ponto a ser analisado é a demanda. “Atualmente os estoques de grãos estão altos, por isso a cotação da soja já bateu o fundo do poço. O que pode mudar esse quadro é o clima na América do Sul. Teremos um ‘mercadinho’ que pode ser uma boa oportunidade de comercialização”, argumentou.

De acordo com o presidente da Comissão Técnica de Cereais, Fibras e Oleaginosas da FAEP, Ivo Arnt, presente no evento, ainda não se pode precisar o índice de perdas com a safra e soja devido ao excesso de chuvas, mas elas são reais.

A marolinha virou tsunami

Segundo o analista, no Brasil as coisas estão muito preocupantes. A brincadeira da ‘marolinha’ de 2009 gerou um impacto nas contas públicas e externas. E a ‘marolinha’, virou um tsunami. “Se mentiu para o mercado, se mentiu para economia mundial, enquanto, as contas públicas estavam arrombadas”, criticou.



Economista Marcos Osaki - Cepea/USP

A recessão que vivemos hoje, de acordo com o analista, vem de um processo que começou em 2002, causada pelo descontro das contas de gastos e receitas. “Se na sua casa ou empresa você gastar além do que ganha o vermelho vai aparecer”.

Para ele o primeiro semestre de 2016 já está comprometido. Se o Natal não conseguir diminuir os altos estoques das empresas teremos mais um salto no desemprego. “Só conseguiremos reverter essa curva quando conseguirmos inverter a relação da dívida pública e baixar as taxas de juros”, ponderou.

A CPMF para salvar

As agências que avaliam o grau de risco internacional, não tem bandeira política e são compostas por um contingente de contadores que só sabem usar números. A Fitch Ratings, maior agência de risco internacional de crédito, só não cortou a nota de crédito do Brasil por conta das pequenas mudanças na política econômica no início desse ano.

Mas, o risco inflacionário no Brasil é muito grande porque a dívida interna bruta está em 66% do Produto Interno Bruto (PIB). Isso quer dizer, do ponto de vista das agências internacionais, que se chegarmos a 70% de dívida interna, o país perde todas as notas de crédito e passa a ser visto como uma péssima opção de investimento externo.

“Esse governo que está aí não sabe cortar custos. Se o governo federal tivesse a coragem de cortar custos, seja por medida provisória ou decreto, se cortasse 30% de custos o câmbio cairia de R\$3,70 para R\$2,70, a taxa de juros cairia de 14,5% a.a. para 8% imediatamente. Como a administração pública é uma coisa complicada temos que esperar a CPMF, porque ela vai vir. O meu medo é que o governo pegue o dinheiro da CPMF e torre com outras coisas. Isso se não inventarem uma tributação para as ex-

portações brasileiras de soja. Ou seja, a solução é simples: corta a despesa, ou, arruma mais receita”.

O fator clima também vai afetar a safra 2016. Isso quer dizer que as chuvas serão intensas na América do Sul e em particular no Brasil o que pode causar perdas na próxima safra, o que pode elevar a cotação da soja em Chicago, com o aumento das exportações de soja americana. O El Niño é bom para nós e pode trazer um movimento especulativo em relação a safra americana.

Recomendação para 2016

Para finalizar sua análise Molinari recomenda que o produtor de soja entre em 2016 com seu custo de produção travado com a venda antecipada. “Eu acredito que a soja já bateu o fundo do poço, devido às condições de clima. Quarenta por cento da safra de soja 2016 já foi vendida, temos pouco a vender. Se o Brasil parar de vender no mercado internacional os Estados Unidos terão que vender, aí o preço sobe em Chicago”.

Campo Futuro

A pesquisa realizada pelo Cepea/USP no Paraná avalia as regiões produtoras de soja/milho/trigo de Castro, Cascavel, Londrina e Guarapuava. Segundo o economista Marcos Osaki, que apresentou os dados na safra 2014/2015 de uma maneira geral os produtores paranaenses conseguiram manter bons níveis de produtividade e rentabilidade.

Já na safra 2015/2016 o produtor pagou o preço mais caro dos últimos dez anos pelos fertilizantes. O que salvou o produtor foi o câmbio que vem garantindo remuneração. O pesquisador chamou atenção para a questão - o quanto o produtor vem investindo em volume de insumos que está sendo aplicado na lavoura? Ele alerta para o volume de inseticida usado, inseticida que é mais seletivo, mas também é mais caro. Esse aumento do número de aplicações foi causada principalmente pelo aparecimento de novas pragas, como por exemplo, a *Helicoverpa armigera*.

Mas a grande incógnita levantada por Osaki é sobre a safra 2016/17. “Muitos produtores conseguiram vender e comprar insumos antecipadamente. Mas e a próxima safra? A alta cotação do dólar vem mascarando a rentabilidade. O produtor tem que ficar atento para não trabalhar de graça para essa safra e para isso precisa gerir bem sua comercialização. Mas o grande desafio será a próxima safra”, argumentou.

A margem de erro do produtor de soja está muito apertada, por isso o produtor precisa gerenciar sua produção e aumentar a diferença entre produtividade média/custo total/ custo operacional efetivo.

Uma discussão sobre os rios

FAEP questiona diagnóstico sobre bacias do Tibagi e do Paranapanema



Um diagnóstico divulgado pelo Instituto das Águas do Paraná para avaliar a gestão de bacias de Paranapanema e Tibagi preocupa os produtores rurais dessas regiões. No ano passado, o órgão contratou a empresa Cobrape para avaliar os índices de Demanda Bioquímica de Oxigênio (DBO) e de fósforo na água da bacia do rio Tibagi. A análise concluiu que os afluentes do rio, principalmente na região dos Campos Gerais, estão sendo contaminados pelo excesso do segundo elemento químico, que em algumas situações apresenta um índice acima de 15 mg por litro de água. Para a classificação de rios não poluídos, esse índice não deveria ultrapassar 5 mg por litro. Com esse diagnóstico, em março deste ano, durante a reunião do Comitê da Bacia do Tibagi, a Cobrape concluiu que o setor agropecuário é um dos responsáveis pela contaminação devido à utilização de fertilizantes e de outras atividades na região, como a bovinocultura de leite e a suinocultura.

Diante disso, a FAEP, que é uma das integrantes do Comitê, questionou o diagnóstico e solicitou maior número de amostragens na extensão de 24.948, 81 km² da bacia do Tibagi. Além disso, pediu a apresentação de documentos técnicos que comprovem essa contaminação. “A análise foi realizada apenas em alguns pontos do rio e durante uma estação do ano, e deveria ser feita nas estações de seca e de chuva. Não há nenhuma uma prova fundamentada contra o nosso setor”, explica o engenheiro-florestal José Hess, do Departamento Técnico Econômico da FAEP. O assunto foi levantado durante a

reunião da Comissão de Meio Ambiente, no último dia 24 de novembro, em Curitiba, na sede do Sistema FAEP.

Atualmente, os afluentes do rio Tibagi na maioria do seu percurso estão classificados nas categorias II e III, quando os índices de oxigênio dissolvido na água são de até 10 mg por litro. Com o diagnóstico, o Comitê aprovou a recomendação de que a classificação do rio e seus afluentes fossem na classe IV e subclasses (4A, 4B e 4C) todas acima de 10 mg de DBO por litro, ou seja, na condição de poluído.

Depois disso, em outra reunião, o comitê avaliou uma nova classificação, concluindo que os efluentes lançados na bacia deverão receber tratamento de esgoto e ativos poluentes nos próximos 25 anos para que retornem às categorias menos poluídas, II e III. “O problema é que esse tratamento vai onerar os usuários da água dessa bacia, entre eles, o setor agropecuário. Quem vai pagar essa conta? Apesar de a atual

legislação isentar os produtores rurais pelo uso da água, nada impede que uma nova lei, mediante esses investimentos proponha a cobrança do uso da água ao setor agropecuário”, questionou Hess.

Desde 2012, a FAEP vem acompanhando as ações e a gestão dos Comitês das bacias do rio Tibagi e Paranapanema.

Comitês

Desde 1988, os Comitês de Bacia Hidrográfica são colegiados que fazem parte do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos. A principal decisão a ser tomada pelos comitês é a aprovação do Plano de Recursos Hídricos da Bacia. Nele são definidas também as prioridades para outorga de direito de uso da água, estabelecidas as condições de operação dos reservatórios, além de orientações e regras a serem implementadas pelo órgão gestor de recursos hídricos na concessão das outorgas.

No Paraná há 10 comitês, são eles: Comitê das Bacias do Alto Iguaçu e Afluentes do Alto Ribeira; Comitê da Bacia do Tibagi; Comitê da Bacia do Jordão; Comitê de Bacia Paranapanema; Comitê dos rios Pirapó, Paranapanema III e IV; Comitê dos rios Cinzas, Itararé, Paranapanema I e II; Comitê da Bacia do Paraná 3; Comitê do Baixo Iguaçu; Comitê do Baixo Ivaí e Paraná 1 e Comitê da Bacia Litorânea.

Descobrimos novas vocações

Coamo incentiva realização de curso do SENAR-PR em suas unidades do Paraná



Turma do Mulher Atual do município de Mangueirinha

A parceria de 15 anos entre a cooperativa Coamo Agroindustrial e o SENAR-PR tem viabilizado a realização de 100 cursos por ano em várias áreas. Desde 2014, a cooperativa incentiva em suas unidades paranaenses a realização do curso Mulher Atual, voltado ao público feminino, em especial esposas e filhas dos cooperados, com o objetivo de inseri-las no contexto administrativo da propriedade.

“A Coamo acredita que a família deve participar ativamente da cooperativa, por isso estamos sugerindo a realização desse curso, que promove, valoriza e desperta talentos desconhecidos das participantes”, diz o diretor-secretário da Coamo, Ricardo Accioly Calderari.

Foi o que aconteceu com Jessica Mara Tieto, 24 anos, do município de Mangueirinha, Região Sul do Estado. Casada há quatro anos com Leandro Carvalho, a produtora se limitava ao cuidado da casa e dos dois filhos do casal. “O curso ajuda a participante a ter consciência do dever de participar da gestão da propriedade. Agora contribuo com a administração e comercialização”, conta.

Além de ajudar na compra de insumos, sementes e no geren-

ciamento do pagamento de contas, Jessica começou a pesquisar e acompanhar a cotação dos grãos, que é o que a família produz. E já na primeira comercialização surpreendeu o marido pela capacidade de análise. “Com base nos dados que tinha da propriedade e do comportamento do mercado, sugeri a venda de parte da produção. Ele estava preocupado com o desenvolvimento da lavoura, mas acatou minha sugestão. Tivemos sucesso”, revela.

Motivada com os resultados de seu trabalho, Jessica já procurou o Sindicato Rural de Mangueirinha e deixou seu nome para participar de outro curso do SENAR-PR ano que vem. “Quero fazer o Programa Empreendedor Rural e contribuir mais com a gestão da propriedade, afinal é daqui que sai o sustento da nossa família e a garantia do nosso futuro. O Mulher Atual me ajudou a sair da inércia e a descobrir meu talento como gerente”, conta.

Em dois anos de Mulher Atual, SENAR-PR e Coamo organizaram 30 turmas que asseguraram a participação de 700 produtoras rurais. A previsão para 2016 é que sejam organizadas outras 15 turmas.

Três novos e-books para os professores

SENAR-PR ajusta parceria com a Unesco e a Universidade Aberta de Portugal para cessão do material do Programa Agrinho e conteúdos dos cursos de capacitação à distância



"O que mais nos atrai é a prática da aprendizagem colaborativa do Agrinho", Daniela Melaré Vieira Barros

Em 2015 o Sistema FAEP/SENAR-PR concluiu a produção de três novos e-books direcionados aos professores paranaenses que participam do Programa Agrinho. No total os profissionais da educação têm à disposição cinco livros que referendam, detalham e explicam diversas metodologias que tratam da colaboração e do uso de novas tecnologias digitais – aquela onde o aluno não aprende sozinho, ele é ator ativo no processo de construção do conhecimento e recebe orientações do professor.

Em novembro, a assessora do SENAR-PR, Patrícia Torres, apresentou na Universidade Aberta de Portugal e na Universidade do Porto a coleção Agrinho e os cursos de Educação à Distância oferecido aos professores. Esses livros contaram com a colaboração em prefácio e alguns capítulos das professoras/doutoras em educação: Ariana Cosme, Lucia Amante e Daniela Melaré Vieira Barros.

A partir dessa apresentação, Daniela, que atualmente é uma das responsáveis pela capacitação dos professores da rede pública de ensino em Portugal, manifestou o interesse em usar o material do Agrinho na capacitação dos profissionais da educação.

"O que mais nos atrai é a prática da aprendizagem colaborativa, que o Agrinho propõe aos professores e vem se concretizando ao longo dos 20 anos nas escolas paranaenses", diz.

Para essa parceria o SENAR-PR e a Universidade Aberta de Portugal estudam os termos de cooperação para cessão de uso tanto dos livros como dos conteúdos dos cursos de Educação à Distância. Outra possibilidade de cooperação que está em andamento é entre o SENAR-PR e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O responsável pelos programas de educação da Unesco, Miguel Dória, já recebeu aval da diretora da Divisão de Ciências da Água e Secretária do Programa Hidrológico Internacional, Blanca Jiménez Cisneros, para encaminhar os processos de negociação e reprodução do material.

Para Ariana, que escreveu o prefácio do livro I "Metodologias para a Produção do Conhecimento: da Concepção à Prática", a obra é importante quando propõe caminhos e soluções alternativas aos projetos e práticas educacionais. Ela também comenta sobre o novo papel do professor que deixa de ser um instrutor e para a ser

um interlocutor qualificado.

“Estamos diante de uma obra de utilidade pedagógica indiscutível que se explica, em primeiro lugar, devido às preocupações conceituais que sustentam o conjunto dos textos e, em segundo lugar, devido às suas preocupações práticas”, avalia.

Tecnologias digitais

No terceiro e-book, Tecnologias Digitais para Produção do Conhecimento no Ciberespaço, Lucia Amante assina, em parceria com Ádila Faria, o capítulo ‘Escola e Tecnologias Digitais na Infância’, faz uma análise sobre o sistema educativo, que segundo ela permanece em grande parte parado no tempo, alheio à realidade que o cerca, preso a antigos métodos e instrumentos, como se a

forma de preparar para a vida há 50 anos continuasse válida nos dias de hoje.

“A mudança da escola é urgente, mas a escola só muda se investir nos seus principais agentes de mudança: os professores. Trata-se de proporcionar o acesso a novas experiências, o acesso à cultura, ao conhecimento e também à sua produção”, afirma.

Para a especialista, na nova escola é preciso permitir que os alunos assumam seu papel de produtores por meio da: escrita (redações); resolução de problemas; desenvolvimento de projetos; realização de experiência e participação em exposição e/ou construção de espetáculos.

“Esse livro tende a inspirar e envolver os professores no desenvolvimento de projetos para que o trabalho na escola culturalmente seja mais significativo”, completa.



INFORME

Veja também no site
www.fundepecpr.org.br

FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 30/11/2015

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS/ BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A	403.544,18	-	-	138.681,09	**542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	30.538.708,56	-	2.341.952,64	-	37.178.094,26
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	3.186.753,34	-	181.518,99	-	15.539.160,17
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	3.110.325,19	-	-	-	6.934.859,82
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	124.514,64	-	-	-	201.837,42
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	12.279,15	-	-	-	18.117,76
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	155.391,45	-	-	-	239.399,36
Pgto. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	-	-	-	*141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	*141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	20.744.182,00	4.624.105,00	*141.031,00	37.266.653,42	**542.225,27	2.664.502,63	77.567,43	60.033.901,36
SALDO LÍQUIDO TOTAL								60.033.901,36

> NOTAS EXPLICATIVAS

1) Repasses efetuados pela SEAB/DEFIS de acordo com o convênio:

1º - 14/12/2000 >> R\$ 500.000,00 | 2º - 23/07/2001 >> R\$ 2.000.000,00 /
3º - 04/09/2001 >> R\$ 380.000,00 | 4º - 28/12/2001 >> R\$ 2.120.000,00 /
5º - 21/05/2002 >> R\$ 710.000,00 | 6º - 26/07/2002 >> R\$ 2.000.000,00 /
7º - 16/12/2002 >> R\$ 2.167.000,00 | 8º - 30/12/2002 >> R\$ 204.000,00 /
9º - 08/08/2003 >> R\$ 600.000,00 | 10º - 08/01/2004 >> R\$ 400.000,00 /
11º - 30/12/2004 >> R\$ 1.300.000,00 | 12º - 01/12/2005 >> R\$ 1.600.000,00 /
13º - 17/12/2012 >> R\$ 6.763.182,00 | 14º - 06/08/2013 >> R\$ 4.624.105,00

2) Valores indenizados a produtores e restituídos pelo MAPA. (*)

3) Setor de Bovídeos (**)

- a) Valor total da conta Taxa de Cadastro e Serviço (repassé mais rendimentos financeiros) da DSA referente ao setor de Bovídeos = **R\$542.225,27**
- b) Valor total retido pela SEAB/DEFIS, referente ao total da conta taxa de cadastro e serviços da DSA do setor de Bovídeos = **R\$ 542.225,27**

4) Conforme Ofício nº 315/2004-Defis, valor transferido da subconta do Setor de Bovídeos e creditado para subconta do Setor de Ovinos e Caprinos, R\$ 5.714,85.

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045388/O-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

Raízes na terra, educação no sangue

Premiada no Concurso Agrinho, professora faz parte da terceira geração da Colônia Terra Nova

Por Hemely Cardoso

Já passava do meio-dia quando a professora Carina ouviu o seu nome como a segunda colocada durante a premiação do Programa Agrinho, no último dia 26 de outubro. Emocionada, ao lado do marido, Mário Cesar de Oliveira, ela repetia: “Não acredito que eu ganhei, não acredito”.

Assim como as outras quatro professoras premiadas na categoria Experiência Pedagógica, Carina Hampf de Oliveira levou para casa um carro zero quilômetro. “Esse prêmio não é só meu, mas de todos que me ajudaram, minha família, comunidade, e principalmente, meus alunos. Eles são a razão de eu estar aqui”, declarou ao receber o automóvel.

Com o “Projeto Agrinho – Lançando Sementes”, ela envolveu toda a Colônia Terra Nova, uma área rural colonizada por imigrantes alemães, a 12 quilômetros de Castro. Nessa região, a paisagem é repleta de lavouras de soja, milho e feijão, com a instalação de leiteiras, granjas de frangos e suínos. Nos arredores

das plantações está a Escola Rural Municipal de Terra Nova, onde Carina lançou a semente do seu projeto desde o ano passado.

Hoje, a instituição tem 74 alunos distribuídos em sete turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, que estudam pela manhã, das 7h30 às 11h30. A maioria dos alunos é filho de trabalhadores rurais que acorda cedinho para pegar o transporte escolar e percorre quilômetros até chegar à escola. “Há crianças que acordam às 5h da manhã para pegar a condução”, relata Carina.

Nessa realidade, a educadora começou a desenhar o seu projeto. O pontapé inicial ocorreu em novembro de 2014, quando Carina levou a turma de 12 alunos do 1º ano à Agroleite, em Castro. “São tantas coisas que ligam o campo e a cidade, então decidi mostrar aos meus alunos como os alimentos são produzidos e, da mesma forma, como eles são industrializados”, explica.

Para fazer essa ponte entre meio urbano e rural, ela instigou os alunos sobre o percurso que cada produto fazia até chegar à



mesa através do livro “Que delícia de Bolo!”. “Quais são os ingredientes usados para fazer o bolo? De onde vem o ovo? O leite? O óleo?”, questionava aos pequeninos.

Diante dessas questões, ela iniciou uma saga com as crianças na região, visitando desde propriedades rurais até a indústria. O roteiro incluiu leiterias, granjas de aves e suínos, plantação de canola, a cooperativa de leite Frísia e o Hipermercado Condor. “O objetivo era que a criançada conhecesse de perto como funciona o sistema de produção no campo e na cidade”, destaca. Para cada passeio, Carina aplicava uma atividade, como a produção de textos e maquetes. As visitas foram promovidas com o apoio e patrocínio de diversos parceiros, entre eles, o Sindicato Rural de Castro.

A conquista da reciclagem

Entre uma ação e outra do projeto, Carina envolveu toda a comunidade na reciclagem de lixo. Segundo ela, a coleta de lixo era um grande problema na colônia. “Por aqui não havia nenhum processo para a separação de material reciclável e o lixo se acumulava nas estradas”, conta.

Com o objetivo de reduzir, reutilizar e reciclar, ela lançou um desafio para os pais dos alunos: ajudar os filhos na fabricação de brinquedos com materiais recicláveis. Caixinhas de leite, garrafas pet, entre outros produtos, passaram a ser utilizados e reaproveitados para as brincadeiras. A ideia deu tão certo que Carina realizou na escola, no último mês de julho, a Agricata, uma exposição com todos os brinquedos fabricados pelas crianças. “Esse trabalho desenvolvido com a sucata, contribuiu sem dúvida, para

a formação de uma consciência ecológica infantil. E isso está mais do que provado, meus pequeninos guardaram, coletaram, reciclaram e reutilizaram embalagens, caixas, potes, entre outros produtos. Esses materiais que antes iriam para o lixo foram transformados em brinquedos para a sala de aula. Além disso, envolveu os pais, que se dedicaram a essa atividade”, conta.

As atividades também resultaram na coleta de lixo da colônia. “Conseguimos que o caminhão da coleta de materiais recicláveis venha até a escola uma vez por mês para fazer a coleta do Projeto Castro-Cidade Limpa”.

De olho na sustentabilidade e preservação do meio ambiente, Carina também desenvolveu uma ação para aproveitar o óleo de cozinha na fabricação de sabão caseiro. Enquanto as mães dos alunos aprenderam a confeccionar o produto, os alunos aprenderam em sala como ele era produzido.

O projeto exigiu alguns meses de dedicação da professora que, em alguns momentos, questionou-se se estava no caminho certo. “Hoje posso dizer valeu a pena cada dia que me dediquei a esse plano. Essa experiência não foi somente pedagógica, mas uma aprendizagem para a vida dos meus alunos e para a minha vida também”, revela.

Para ela, apenas uma “sementinha” foi semeada: “O projeto não para, deve continuar sempre”. Nos seus futuros planos, Carina pretende melhorar a infraestrutura do parquinho na escola e instalar um toldo, entre o percurso da sala de aula até o refeitório, para evitar que os alunos se molhem durante os dias de chuva.

Quando se trata do Programa Agrinho, com os olhos marejados, ela responde: “Sou apaixonada pelo Agrinho”.



Carina na sala de aula com seus alunos na Escola Rural Municipal de Terra Nova

A influência da *tante* Alice

Com seu jeito inquieto, Carina leciona há 21 anos na Escola Rural Municipal de Terra Nova. Aos 40 anos, a mãe do Raphael, do Gabriel e da Maria Gabriele, divide as tarefas de casa com a rotina na primeira instituição pela manhã e na Escola São Sebastião, no período da tarde.

Natural da colônia e filha de gente que sempre mexeu com a terra, os agricultores Thadeu e Marilena Hampf, ela formou-se nos cursos de História e Geografia na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em 1999. Neta de alemães, Carina aprendeu a língua em casa e deu aula de alemão durante seis anos numa escola de idiomas em Castro.

A paixão pela profissão e a arte de ensinar começou cedo, quando ela tinha apenas seis anos brincava de ensinar os filhos dos funcionários dos pais. “Desde pequena eu me imaginava sendo uma professora”, conta. “A Carina é muito determinada e se dedica de corpo e alma no que ela faz”, elogia Elizabeth Brandes, diretora da Escola Rural Municipal de Terra Nova.

O prêmio, um palio vermelho zero quilômetro, chegou em uma boa hora: “Somente meu marido tinha carro e quando ele viajava eu usava o carro da minha mãe”.

A trajetória de Carina também foi influenciada por duas primas e pela “tante” (tia em alemão), Alice Hoffmann Leiser, uma das primeiras professoras da Escola Rural Municipal de Terra Nova, fundada há mais de 60 anos.

Entre um pedaço de torta de amoras e outro de torta de requeijão, Dona Alice (como é conhecida na colônia), aos 79 anos, lembra os tempos de magistério quando começou a lecionar na instituição, em 1957. “Naquela época, a gente tinha que fazer de tudo, dar aula, fazer a merenda e a horta também. Não era fácil, era uma aventura atrás da outra”, recorda. Ela e a amiga, a professora Gudula Maus, tomavam conta de 90 crianças. “Eu tinha o coração mole e a Gudula era pulso firme”, brinca.

Dona Alice lecionou até 1975, quando pegou sua licença-prêmio e foi para Honeckenheim, na Alemanha. Durante esse período conheceu o marido, Ewald Leiser, que faleceu em 2002. Enquanto esteve casada, passava uma temporada aqui e outra lá. Agora aposentada, ela voltou para a Colônia Terra Nova, onde o seu o maior passatempo é cuidar do jardim.

“Ela devia falar mais na língua!”

Hoje em torno de 80 famílias vivem na Colônia Terra Nova, onde a principal atividade é a pecuária leiteira. Os avós de Carina, os alemães Carlos e Catarina, chegaram à Colônia em 1933. Assim como a maioria dos imigrantes que vieram ao Brasil em busca de novas oportunidades, o casal e mais um grupo de alemães desembarcaram em Santos e seguiram para Castro.

Quando chegaram lá encontraram Fischer, um senhor que recebia os grupos de imigrantes europeus. Dona Alice conta que o grupo pediu a ele um táxi para ir até a colônia. “Era tudo mato, não havia estrada”, conta, acrescentando que a turma seguiu o caminho a pé. “Caminharam sem saber uma palavra em português, apenas falavam ‘Terra Nova’. Quando finalmente chegaram lá deram de cara com um rancho, sem nenhuma estrutura. No início eles sofreram muito porque saíram de um país desenvolvido, com um clima e cultura diferentes. Além disso, a maioria dos imigrantes não tinha habilidade para mexer com a terra. No grupo do meu pai, por exemplo, tinha engenheiros e alfaiates, entre outras profissões, e apenas um agrônomo”, relata.

A maioria dos moradores de Terra Nova está na terceira geração de imigrantes. Na família da professora, o alemão prevalece durante as conversas, entretanto, a tante Alice reclama: “Ela deveria falar mais na língua com os filhos”.

Segundo Clara Morse, que foi professora de Carina no 2º ano do Ensino Fundamental, a comunidade preserva a cultura germânica através de grupos de dança, aulas de canto na igreja e a Festa da Colheita, realizada todo mês de maio. “É uma forma de mantermos a cultura viva”, observa.



Da esquerda para a direita: Clara Morse, Carina, Alice Hoffmann e Edhle Bueno

Pedágio: renovar agora ou aguardar para licitar?

Todos os anos, o dia 1º de dezembro, data estipulada para reajuste das tarifas nos contratos de concessão de rodovias no Paraná, faz retornar o debate sobre a antecipação da renovação desses documentos celebrados em 1997, com prazo de 24 anos, sendo a maioria com vencimento para 2021.

O objetivo da renovação antecipada seria proporcionar a realização imediata dos investimentos na malha viária paranaense, aportes dispensados em governos anteriores sem a devida contrapartida na redução das tarifas. Imprescindível, ainda, que sejam solucionados todos os litígios envolvendo as concessionárias e o Estado, sem criar para este qualquer tipo de passivo.

Há de se ressaltar que os contratos celebrados em 1997 possuem uma Taxa Interna de Retorno (TIR) da ordem de 18% sobre o valor investido, bem superior à atualmente sugerida pela ANTT, em torno de 9%, sendo que a redução para este patamar ainda possibilitaria os investimentos necessários e uma possível diminuição das tarifas.

É de conhecimento público que as concessionárias que operam as rodovias do Estado já trabalham com alta rentabilidade. Assim, entendemos que um reajuste neste momento de instabilidade financeira seria totalmente injustificado, visto que o aumento das tarifas oneraria ainda mais a sociedade neste período crítico e de recessão pelo qual passa o país.

Como defensor dos direitos mais básicos do cidadão, incluindo ir e vir com segurança, o Instituto Democracia e Liberdade (IDL) posiciona-se a favor de investimentos imediatos na qualidade das estradas. A demora na solução dessa questão retarda as soluções que a sociedade espera de urgente melhoria da malha rodoviária. Portanto, defendemos a renovação condicionada dos contratos, ou seja, que o prazo de vigência dessa renovação seja proporcional aos investimentos efetivamente realizados.

Ademais, entendemos imprescindível para democratização do sistema e deliberações a inclusão de representantes da sociedade civil na Agência Reguladora de Serviços Públicos Delegados de Infraestrutura do Paraná (Agepar), o que por certo conferirá ao órgão maior representatividade.

Entendemos também que a proposta e as condições para renovação do contrato devem ser apresentadas pelas concessionárias de forma clara e objetiva, com a posterior discussão pública e a participação de toda a sociedade paranaense.

Neste contexto, o IDL vem a público declarar-se favorável à renovação antecipada dos contratos respeitando os seguintes

termos: renovação por um prazo proporcional ao investimento realizado, com redução das tarifas e da Taxa Interna de Retorno a parâmetros que garantam uma justa compensação aos investimentos das concessionárias, pois o lucro torna-se legítimo na medida em que remunere adequadamente o investidor e desde que traga o benefício esperado pela comunidade.

Desta forma, cobramos do poder público e das concessionárias o aprofundamento e a agilidade nas discussões em torno deste tema com absoluta transparência (o que não tem havido), para que a sociedade possa o quanto antes usufruir de melhores serviços a preços justos.

Ressalte-se que quanto mais o tempo passa, menos se justifica uma renovação antecipada. Assim, pedimos urgentes definições.



Edson José Ramon | empresário, ex-presidente da Associação Comercial do Paraná e presidente do Instituto Democracia e Liberdade (IDL)

Trabalho de gerações

Sucessão familiar na propriedade rural é possível e pode render bons resultados, como no caso de uma jovem de Assaí, que levou o conhecimento universitário para a propriedade da família

Por André Amorim



Jiro, no Brasil desde 1958: disposto como um adolescente

Diferente de outras ocupações, a atividade rural está diretamente vinculada à terra, que normalmente passa de geração para geração. Nesse contexto, a continuidade da atividade depende quase sempre do interesse das novas gerações pelo trabalho no campo, a chamada sucessão familiar.

Trata-se de uma escolha muito particular, em que pesam, não somente questões financeiras, mas também, vocação, sentimento de pertencimento e amor pela terra. Também é preciso considerar que hoje, existem jovens que estão fazendo o caminho inverso e voltando para o campo, depois de estudar em centros urbanos. É esse o caso da jovem Yoshiko Goto Hayashi, de 23 anos, que depois de graduar-se em Economia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), retornou ao campo para dar continuidade à atividade iniciada pelo avô na propriedade em Assaí, na região do Norte Pioneiro.

“Quando fui estudar economia nem pensava em agricultura,

queria sair do sítio”, lembra a jovem. Foi só depois de formada, que, preocupada com o envelhecimento dos pais, ela decidiu ficar na propriedade e fazer dela o seu futuro. A partir daí, a jovem foi em busca de informação sobre a atividade. Buscou o SENAR-PR e fez os cursos de Primeiros Socorros, Culinária, Mercado Futuro e Empreendedor Rural.

Na opinião de Yoshiko, muitos jovens desejam sair do meio rural por falta de perspectiva de crescimento. “Pesa a incerteza sobre o futuro. Vem uma crise, ele fica endividado, aí não quer mais saber”, avalia.

Para não trilhar o mesmo caminho, a jovem planeja o futuro e busca novas possibilidades para a propriedade de cerca de 190 hectares, onde são cultivados soja, milho, trigo e arroz. Dias antes da entrevista ao Boletim Informativo da FAEP, ela foi a um município próximo conhecer mais sobre a produção de goiaba. “A gente precisa estar preparada, nunca se sabe quando a soja vai parar de dar certo”, pondera.

A reflexão faz muito sentido quando se observa a história do seu avô, Jiro Goto, que chegou na região em 1958 vindo do Japão em busca de um futuro melhor no Brasil. Quando desbravou aquela região do Paraná, as lavouras de café predominavam. Anos depois, com a derrocada da atividade, o algodão passou a prosperar. Hoje, essas duas culturas (que ilustram a bandeira do município de Assaí), deram lugar à soja. No futuro, quem sabe que cultura cobrirá as lavouras de Yoshiko?

Hoje, com 83 anos e uma disposição de adolescente, Goto comemora a decisão da neta em dar continuidade ao trabalho da família. “Se ficar só eu, minha filha, e depois acabar, não valeu a pena eu ter vindo do Japão pra cá”, reflete. O pai, Jorge Hayashi, e a mãe, Kaoru Goto Hayashi, também aprovam a decisão da filha. “Se não houvesse a Yoshiko, no futuro teríamos que arrendar a propriedade, ou vender, essas duas possibilidades são ruins”, observa Kaoru.

É evidente que nem tudo são rosas. “Às vezes o trabalho braçal, como a secagem de arroz, desanima um pouco”, diz a jovem. Mas as recompensas são igualmente estimulantes. “Eu gostava da vida agitada em Maringá, mas depois que eu vim para o sítio minha saúde melhorou muito”, conta.

A visão adquirida no curso de economia permeia o trabalho na propriedade “Pra ficar no campo você tem que ter uma empresa bem estruturada, com custos e rendimentos bem elaborados, para

ter um bom pró-labore”, avalia Yoshiko. Na visão da jovem, a melhor estratégia é conciliar a teoria que aprendeu na universidade, com a prática da lida diária, onde a troca de experiências com os pais é fundamental. “Tem que conversar, é muito útil o que eu aprendo com eles. Mesmo que tenha aprendido na faculdade, na prática a realidade é diferente da sala de aula”, avalia.

Assim também pensa Kaoru. “Temos que trocar ideias, mas já existe um trilho, todos temos que andar no mesmo sentido”, afirma. Sobre as ideias que Yoshiko dá sobre a prática diária da propriedade, ela mostra-se pragmática: “A gente avalia, se a ideia é boa, a gente aplica. Mas só se for boa mesmo”, diverte-se a mãe.

Êxodo jovem

É cada vez menor o interesse dos jovens do campo em dar continuidade à senda dos pais e antepassados. De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2004 a população entre 15 e 24 anos que vivia em áreas rurais no Brasil era de 6,062 milhões de pessoas. Dez anos depois, esse número caiu para 4,933 milhões. No Paraná o movimento se repete, em 2004 a população jovem no campo somava 278 mil pessoas,

em 2014 esse número era de 206 mil pessoas.

A conclusão é evidente: muitos jovens estão deixando o meio rural, em busca de outras oportunidades nos centros urbanos. De acordo com a pesquisa “Juventude Rural e Políticas e Programas de Acesso à Terra no Brasil”, elaborado pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), em 2013, a urbanização da população brasileira não é novidade. “É preciso reconhecer que a cidade apresenta facilidades de vida, trabalho e renda que não são atualmente encontradas no campo, com poucas exceções; e que a escolha, em última análise, pertence ao jovem”.

Brasil e Unidade da Federação	Situação do domicílio	Variável X Ano			
		População residente (Mil pessoas)		População residente (Percentual)	
		2004	2014	2004	2014
Brasil	Total	35.098	33.229	19,13	16,35
	Urbana	29.036	28.296	15,83	13,93
	Rural	6.062	4.933	3,3	2,43
Paraná	Total	1.774	1.749	17,48	15,75
	Urbana	1.496	1.543	14,74	13,89
	Rural	278	206	2,74	1,85

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios



A família reunida

O porto desencahou

Paranaguá entrará em 2016 com quatro shiploaders novos e livre de algumas amarras históricas



No Porto de Paranaguá, todas as medidas são superlativas. O porto movimentava anualmente cargas na casa dos 40 milhões de toneladas e recebe a cada mês cerca de 200 navios, alguns deles com 300 metros de comprimento e capacidade para carregar 60 mil toneladas. Apesar disso, na semana passada, uma das principais preocupações do diretor-presidente da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (Appa), Luiz Henrique Dividino, era com um mosquito que não passa de 7 milímetros de uma ponta a outra.

O combate ao *Aedes aegypti* serve como uma amostra dramática das relações complexas que o porto tem com o Estado. O porto organizado – ou seja, o complexo construído e aparelhado para atender às necessidades da navegação e da movimentação e armazenagem de cargas – soma 424 quilômetros quadrados, mais da metade da área do município de Paranaguá. Com isso, a participação da Appa é essencial para o combate ao inseto, transmissor da dengue, da febre chikungunya, da febre amarela e do

vírus zika, atual inimigo público número 1 do cidadão brasileiro. Em Paranaguá, a situação é preocupante: até a metade de dezembro a cidade já tinha registrado 367 casos de dengue, levando a prefeitura a decretar estado de emergência para enfrentar uma possível epidemia. Além disso, o porto tem um passivo formado por multas ambientais aplicadas no passado, e tem interesse em convertê-lo em ações práticas, em benefício da comunidade.

Assim é o porto. É essencial para a economia, por ser o ponto de conexão do agronegócio paranaense com o comércio exterior. Espremido entre a Mata Atlântica e os manguezais, é observado com lupa pelos ambientalistas. E precisa pensar na comunidade do entorno, formada por uma população pobre que assiste ao PIB do Estado passar na rodovia ao lado. “Nós começamos a reconstruir uma relação que estava muito deteriorada”, admite Dividino.

Essa “relação deteriorada” é consequência de um período difícil, vivido principalmente ao longo da década passada. Ainda

estão na memória de muita gente as imagens da fila de caminhões que começava na entrada do pátio de triagem e seguia serra acima, na época da safra, às vezes chegando a passar de Curitiba. Elas eram a face mais visível e incômoda da ineficiência da logística paranaense – a ponta de um iceberg que ameaçava abalroar a competitividade da produção do agronegócio e também da indústria do Estado.

Havia, por exemplo, o problema da profundidade dos berços. Os navios graneleiros de grande porte tinham de carregar parcialmente seus porões, com algo entre 40 mil e 50 mil toneladas, e esperar a maré para sair. Caso contrário, corriam sério risco de encostar no fundo do canal e encalhar. Outra questão era a dos shiploaders – guindastes em forma de torre usados para o embarque de grãos sólidos, como soja e milho, por exemplo. Eles estavam no porto desde os anos 1970, quando a pressão para o embarque era menor. Estavam tecnologicamente obsoletos e sucateados.

Os objetivos: “repotencializar e requalificar”

Resolver pendências como essas e outras tantas era a missão do curitibano Dividino quando assumiu o comando do porto, em 2012. Profissional com 27 anos de experiência no ramo portuário e passagens tanto por instituições públicas como pela iniciativa privada, ele optou por consultar os usuários do porto para definir as prioridades. A meta era, nas palavras dele, “repotencializar e requalificar” a estrutura do porto. O plano resultante tem foco no corredor de exportação, em especial no setor graneleiro. “E que

outro plano nós poderíamos ter, se 70% da movimentação aqui estão ligados ao agronegócio?”, pergunta.

Os números mostram a ênfase que o setor vem recebendo. Em 2004, a soma de todas as cargas exportadas via Paranaguá foi de 23,6 milhões de toneladas. Em 2014, esse total chegou a 28,3 milhões de toneladas. Os grãos sólidos somaram 15,2 milhões de toneladas em 2004 e chegaram a 20,9 milhões de toneladas no ano passado. Outras categorias de cargas decresceram ligeiramente. Faça as contas: todo o aumento foi direcionado aos grãos sólidos, as outras categorias (carga geral e grãos líquidos) registraram até um ligeiro decréscimo.

O plano avançou com o apoio do setor produtivo, que tem tomado parte nas decisões da administração portuária. No ano passado, quando o porto deixou de ser uma autarquia e tornou-se uma empresa pública, criou-se um Conselho de Administração que inclui a participação do setor produtivo. O Sistema FAEP tem um representante no órgão, o engenheiro-agrônomo Nilson Hanke Camargo, do Departamento Técnico Econômico (DTE), que acompanha o setor de logística e o porto, especificamente, desde 2002. Seu suplente no conselho é João Arthur Mohr, consultor da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep). “Hoje o produtor pode ficar tranquilo, porque existe transparência nos processos e a Federação está acompanhando tudo o que se faz no porto”, diz Camargo.

Dividino explica que foram alterados 21 regulamentos essenciais ao porto, com o objetivo de ampliar sua eficiência. Desses, sete foram completamente refeitos e 14 foram emendados. Foi assim, por exemplo, que as filas terminaram. “O problema”, conta Dividino, “era investir sob normas que eram antigas, incompatíveis com o momento comercial”. Acabaram-se as filas em terra e tam-



Dividino: mudanças de regras para modernizar o porto



Trocando os pneus sem parar o carro

A dragagem merece uma menção à parte. Trata-se de obra de R\$ 394 milhões, que vai tomar 11 meses. É o primeiro aporte do governo federal no porto em 26 anos e o maior investimento em dragagem previsto para o país. “Estamos unindo esforços para tornar o porto ainda mais importante e participativo na economia nacional. O Paraná tem um papel estratégico para a logística da região Sul e do país”, disse o ministro da Secretaria Especial de Portos, Helder Barbalho, por ocasião da assinatura do contrato, em novembro.

Outros avanços foram alcançados, como a reforma dos berços de atracação, que ainda está em curso. Há três anos, havia ber-

bém no mar – há alguns anos, os navios tinham de ficar um mês ou mais ao largo, esperando seu momento de atracar.

O processo desembocou neste fim de ano: desde o início de novembro, foi assinado contrato para dragagem de aprofundamento do canal de acesso ao porto, que passará a ter 14,5 metros de profundidade, permitindo o acesso de navios de maior calado; foram iniciadas as obras de dragagem de manutenção nos berços, que irão resolver o problema dos navios que não conseguem carregar completamente; e foi concluída a instalação do quarto e último shiploader novo.

ços de diferentes tamanhos e diferentes calados, de 8 metros a 12,6 metros. Em março de 2016, época em que a soja nova estará dando as caras no Litoral, todos estarão uniformes, com 13,8 metros. Com isso, o porto poderá receber navios maiores com mais segurança e carregá-los mais rapidamente. “O ganho de produtividade é enorme. Eram berços com 80 anos de idade. Eu não podia colocar guindastes novos em alguns deles, porque os berços não suportariam o peso”, conta o administrador.

Tudo isso foi feito sem parar a operação. De janeiro a outubro

Corredor movimentado

De janeiro a outubro de 2015 Paranaguá já havia exportado mais que no ano passado inteiro

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL (TON)
2014	982.802	1.279.110	1.638.352	1.685.356	1.482.264	1.325.854	1.350.074	1.437.115	749.144	1.018.087	811.893	1.031.885	12.948.158
2015	984.107	724.674	1.446.521	1.657.355	1.752.289	1.919.100	1.684.334	1.635.893	1.082.291	1.155.472			14.042.036
VAR.	0,1%	-43,3%	-11,7%	-1,7%	18,2%	44,7%	24,8%	13,8%	44,5%	13,5%	-	-	8,4%

Fonte: Appa

deste ano, as exportações de soja em grão superaram em 9,1% a movimentação do mesmo período de 2014. No caso do farelo, o aumento foi de 2,1%; no milho, a elevação foi de 10,6%. Para isso foi necessário fazer algumas alterações de fluxo. Uma delas envolveu o terminal da empresa Pasa, um dos maiores do Sul do país no embarque de açúcar. Aproveitando ociosidades sazonais na logística do produto, o porto transferiu para o terminal parte da operação de soja, para dar vazão à exportação de grãos. Deu certo. “Por aqui nós somos obrigados a trocar o pneu com o carro andando”, resume Dividino.

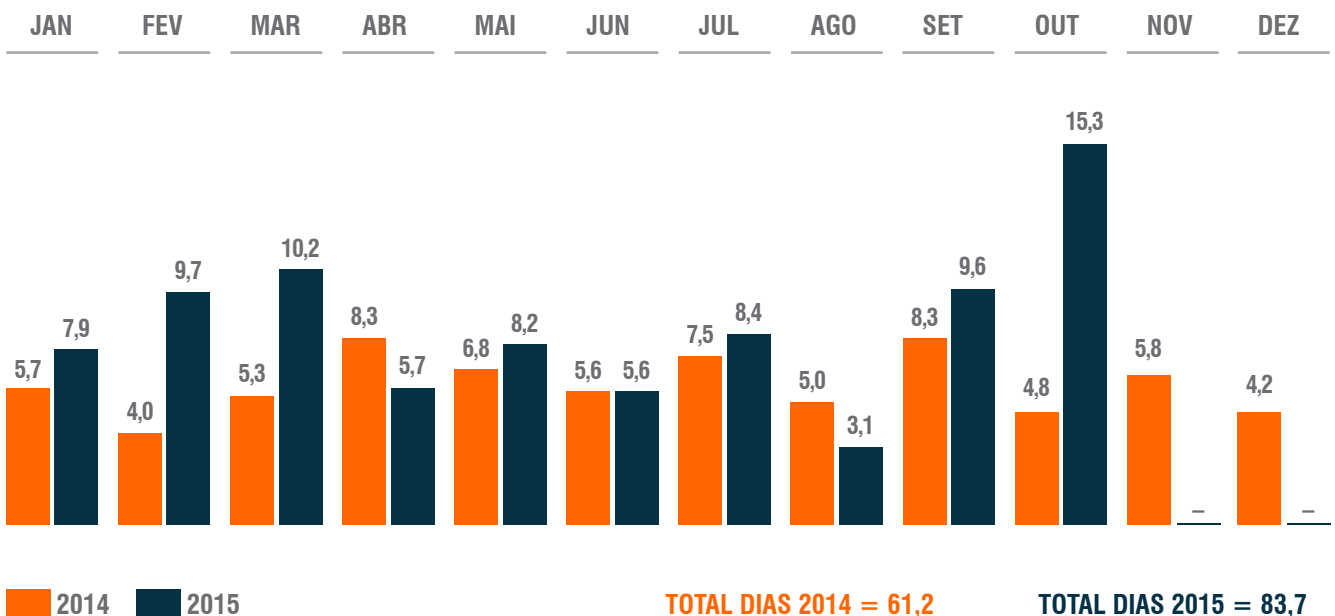
Para 2016, estão previstas novidades. Além da dragagem do Canal da Galheta, já contratada, estão na lista as concessões do bloco 2 do Programa de Investimento em Logística (PIL, também chamado de PAC dos Portos). Para essa fase, devem ser entregues para arrendamento seis novas áreas em Paranaguá, com investimentos privados da ordem de R\$ 7,2 bilhões. Também deve prosseguir a discussão sobre a poligonal do porto, a linha imaginária que define as áreas que estão sob jurisdição do porto organizado, e que está sendo reavaliada em um processo que começou há dois anos e deve se encerrar nos próximos meses.

E há a questão da dengue. Na mesa de Dividino há uma raquete elétrica, daquelas usadas para matar mosquitos. O acessório não é muito usado, mas ele tem algo de simbólico. Como se diz nos filmes do Homem-Aranha, com grandes poderes vêm grandes responsabilidades. No caso do porto, elas vão dos negócios das grandes empresas até a saúde do mais humilde dos vizinhos.



O Grande Inimigo

Enquanto não se encontra uma saída para proteger o Porto contra a umidade, a chuva continuará sendo o grande impedimento para embarques. Em 2015, o número de dias chuvosos superou em muito o ano passado (Dias de chuva, por mês).



Fonte: Appa

Mais horas, mais prática

SENAR-PR atualiza curso de Manejo Integrado de Pragas, com tecnologia da Embrapa Soja

Por Katia Santos



Atividade prática do curso do SENAR-PR

Dar maior embasamento técnico ao produtor e transformá-lo em um ator mais participativo no momento da tomada de decisão em relação ao manejo de pragas na cultura da soja. Esses são dois dos principais objetivos do novo curso Trabalhador no Cultivo de Grãos e Oleaginosas – Soja – Manejo Integrado de Pragas (MIP), que o SENAR-PR vai oferecer a partir de 2016. O trabalho é uma parceria com a Embrapa Soja Unidade Londrina e faz parte da Campanha Plante seu Futuro (leia na página ao lado).

As mudanças vão bem além do aumento da carga horária, que passará de 16 para 40 horas, divididas em duas fases: 16 horas de aulas teóricas antes do início do plantio da soja, e 24 horas de aulas práticas distribuídas ao longo de três meses, no período de desenvolvimento da planta, onde ocorrerão visitas semanais nas propriedades dos participantes para monitoramento das pragas.

“O modelo que propomos ao SENAR-PR está baseado em três pilares, que capacitam o produtor a atuar de forma participativa nos seguintes processos: monitoramento da lavoura; reco-

nhecimento das pragas e dos agentes de controle biológicos, e tomada de decisão sobre a necessidade de controle de pragas”, explica Samuel Roggia, engenheiro-agrônomo, pesquisador/doutor da Embrapa Soja na área de entomologia.

O pulo do gato no novo curso, segundo o agrônomo e técnico do SENAR-PR Leandro Alegriani é estar ao lado do produtor para dar segurança nas tomadas de decisão em relação ao MIP. Ou seja, no momento de avaliar o dano econômico causado pela praga e usar medidas de controle.

Novos agrotóxicos

“Essa hora é a mais crítica, pois o produtor fica inseguro com medo de perder em produtividade. As grandes ferramentas que o curso vai oferecer são: informações técnicas, para reconhecer os diferentes tipos de pragas, agentes de controle biológico e



Samuel Roggia - Embrapa Soja

o uso sistemático do pano de batida. Isso vai permitir que o produtor tenha uma base real da sua lavoura e defina se deve usar, ou não, e qual o melhor momento de fazer aplicação de inseticida”, afirma.

O novo curso vai auxiliar o produtor rural a se adaptar às novas e constantes mudanças das pragas da soja e dos inseticidas que serão utilizadas no seu controle. O pesquisador da Embrapa explica que, no passado, com um único inseticida o produtor conseguia controlar um grande número de espécies de pragas. “Esses produtos deixaram de ser fabricados e foram gradativamente substituídos por outros, mais específicos e mais seguros. Por isso o agricultor precisa saber identificar a espécie de praga que ocorre na sua lavoura e escolher o produto mais adequado para seu controle.”

A ocorrência que gerou a formulação de um novo formato de curso começou com o aparecimento intenso da lagarta *Helicoverpa armigera* nas lavouras de soja em vários Estados produtores de soja na safra 2012/13. O MIP proposto pela Embrapa vem sendo testado pela instituição em conjunto com o Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) em 207 Unidades de Referência (UR) espalhadas pelas regiões produtoras do Estado do Paraná, desde 2013.

Segundo Roggia, os resultados - na maioria dos casos - apontam para uma redução de 50% do número de aplicações, e, conseqüentemente, redução também do custo de produção. Em média os produtores paranaenses fazem de quatro a cinco aplicações de inseticidas ao longo da safra de soja.

“O preço dos insumos agrícolas tem base no dólar, que anda bem caro, em função da conjuntura econômica. Reduzir pela metade o número de aplicações é, com certeza, um grande diferencial para o produtor. Mas, temos que ter cautela quando falamos em redução, pois cada lavoura é um caso em particular”, pondera.

Capilaridade do SENAR-PR

A parceria entre o SENAR-PR e a Embrapa Soja envolve duas áreas de pesquisa a entomológica, a ciência que estuda os insetos e as relações com o homem, plantas, animais e o meio ambiente e a Área de Transferência de Tecnologia, que tem a frente à engenheira-agrônoma e pesquisadora/doutora Divânia de Lima.

“A Embrapa vem reforçando ações de formação de multiplicadores para que a informação chegue ao maior número de agricultores e trabalhadores rurais. Encontramos no SENAR-PR a instituição perfeita para esse propósito devido a sua capilaridade e proximidade com os produtores rurais”, explica Divânia.

Para capacitar os instrutores para o novo curso, o SENAR-PR está realizando um projeto-piloto esse ano e segue a mesma dinâmica que será usada com os produtores. Já foram realizadas duas etapas das cinco previstas, sendo uma teórica e uma prática de monitoramento. A atualização está sendo oferecida aos profissionais que já atuam na área e a novos técnicos.

Ao todo são 25 participantes sendo instrutores do SENAR do Paraná e de Goiás e estudantes do curso de Agronomia de várias universidades: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidades Estaduais de Maringá (UEM) e de Londrina (UEL) Universidade do Norte do Paraná (Unopar), Centro Universitário Filadélfia (UNIFIL) e do curso de pós-graduação em Agricultura Conservacionista do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar).

A aluna Steffani Dobrovolski, do 4º ano de Agronomia da UFPR, é uma das participantes. Ela já participou de estágios na área de entomologia nos laboratórios da universidade. Para ela, o curso do SENAR-PR é bem completo, envolvendo atividades teóricas e práticas. “Pretendo me especializar na área de MIP, pois acho que a atividade permite ao agrônomo atuar de forma sistêmica. Com o MIP, o profissional não se limita a repassar uma receita ao produtor, ele acompanha, avalia a lavoura para então escolher a melhor forma de controle da praga”, diz.

Plante seu futuro

A Campanha foi lançada pelo governo do Paraná, por meio da Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seab), junto com vários órgãos e instituições parceiras, entre elas o Sistema FAEP/SENAR-PR. O trabalho tem como proposta ações permanentes de divulgação e capacitação de boas práticas agrícolas no campo com as tecnologias já disponíveis para profissionais e produtores rurais.

O ESPORTE DAS MULTIDÕES



Bexigas de boi cheias de areia. Turbas violentas quebrando tudo. Treinamentos militares que poderiam ocupar dias inteiros.

Você pode se surpreender, mas todas essas coisas têm a ver com futebol. São competições antigas que ocorriam mundo afora e que os especialistas apontam como antepassados do esporte. O curioso é que elas ocorriam, de forma mais ou menos parecida, em diversas partes do mundo sem comunicação uma com a outra.

O *Tsu-chu*, por exemplo, é uma invenção chinesa que teria sido criada por comandantes militares durante a dinastia Han, lá pelo século 2 antes de Cristo. Era uma forma de treinar soldados, e uma única partida poderia durar várias horas, com grupos de militares tentando chutar uma bola entre duas estacas. Evoluiu para um divertimento mais leve, e pinturas chinesas dos séculos 11 e 12 mostram crianças e mulheres chutando bola.

O *harpastum* romano também era usado para treinar soldados. Era uma variação do *episkyros*, apreciado pelos espartanos, na antiga Grécia. Este era praticado por equipes de 17 jogadores, que usavam uma bexiga de boi recheada de areia e tentavam fazer o adversário recuar até uma linha demarcada em um campo retangular.

Na América Central, os maias jogavam *pok-ta-pok* e os astecas praticavam o *tlachtli* até a época em que os espanhóis desembarcaram na região. Em ambos, a ideia central era fazer uma pesada bola de látex passar por argolas presas à parede de edifícios, a dez metros de altura. Usar mãos, pés e cabeça era proibido, então a saída era fazer uso dos joelhos, quadris e cotovelos – uma mistura do nosso futebol com basquete e o fictício quadribol, jogado na saga *Harry Potter*. Com um agravante: historiadores acreditam que pelos menos parte do time perdedor poderia ser sacrificado em honra a algum Deus sanguíneo.

Na Idade Média europeia, as competições mudaram de figura. Eram uma espécie de Cidade contra Cidade, mas não havia amistoso, a ponto de o rei Eduardo II, da Inglaterra, ter proibido os torneios. Centenas de pessoas poderiam estar de cada lado da competição, em que o objetivo era levar a bola (uma bexiga de porco recheada de terra) a um determinado local na vila adversária. No futebol medieval da Grã-Bretanha e no *calcio fiorentino* italiano, jogado até hoje, valia usar pés, mãos, chutes, socos – na bola e nos adversários.

A COMÉDIA DOS ERROS



SHAKESPEARE

Serei, acaso, redondo assim, para me dardes ambos pancada sem parar, como se eu fosse bola de futebol? Sem mais nem menos, me aplicais pontapés. A durar isso, tereis de me mandar forrar de couro.

Drômio de Éfeso, personagem da Comédia dos Erros, de William Shakespeare, encenada pela primeira vez em 1594.



ASTON VILA X SUNDERLAND 1893



CHARLES MILLER



PELÉ - COPA DE 1970



O futebol como se conhece hoje só foi regulamentado em 1893, por um grupo de esportistas que se reuniu em um pub de Londres. Naquela época havia vários esportes conhecidos como futebol, com regras bastante diferentes. Em alguns também era possível usar as mãos, em alguns o gol era em forma de H... Várias dessas persistem até hoje: afinal, temos o futebol americano, com suas cou-raças e regras de avanço; o futebol canadense, bastante parecido, mas com normas diferenciadas em relação ao tamanho do campo e número de jogadores, entre outras; o futebol australiano, que lembra o rugby (outro esporte de origem semelhante); o futebol gaélico, que usa gol em forma de H e permite passes dando socos na bola.

No Brasil, o esporte chegou com Charles Miller, brasileiro, filho de ingleses, que saiu para estudar na terra de seu pai aos dez anos e voltou aos 20, em novembro de 1894. Cinco meses depois, ele foi o organizador do primeiro rachão em terras brasileiras, um amistoso entre o São Paulo Athletic Club – clube formado por cidadãos britânicos e que se dedicava, basicamente, ao críquete – e funcionários da companhia de gás. Miller jogou pelo primeiro, e marcou duas vezes na partida, que acabou 4 a 2 para o SPAC.

O resto é história.

ARBORIZAÇÃO
DE PASTAGEM



CASQUEAMENTO



BEM-ESTAR
E TRANSPORTE



PREPARO
ANIMAL

FOCO NA QUALIDADE

NOVO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO
DO SENAR-PR TRABALHA A FORMAÇÃO
COMPLETA DO PROFISSIONAL DO CAMPO

Por André Amorim

Em 2015, o SENAR-PR iniciou uma importante travessia rumo ao futuro com a construção do seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Este trabalho irá nortear as ações da instituição frente a uma nova realidade econômica e cultural, que demanda um novo perfil de profissionais do campo.

Desde que iniciou suas atividades, em 1993, a instituição vem atuando junto a uma grande massa de trabalhadores rurais, levando ações de formação profissional modulares, com alta capilaridade, para todas as regiões do Estado, de modo a propiciar igualdade de oportunidades, em todas as atividades produtivas e em todas as localidades.

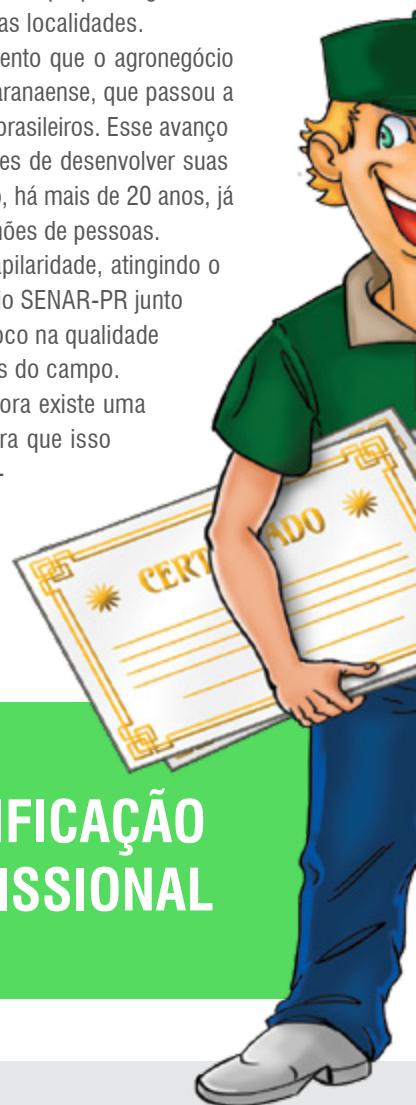
Os resultados desta atuação podem ser medidos pelo incremento que o agronegócio obteve nestes anos, tornando-se o principal motor da economia paranaense, que passou a ocupar, em 2015, a posição de quarto maior PIB entre os Estados brasileiros. Esse avanço só é possível quando há um exército de pessoas treinadas, capazes de desenvolver suas funções produtivas na cadeia do agronegócio. Desde que foi criado, há mais de 20 anos, já passaram pelos cursos e formações do SENAR-PR cerca de 3 milhões de pessoas.

Após este primeiro estágio, em que era importante ganhar capilaridade, atingindo o maior número de municípios e – principalmente – firmar o nome do SENAR-PR junto à população rural, agora é hora de iniciar uma outra etapa, com foco na qualidade destas ações, buscando atender às novas demandas profissionais do campo.

“A qualidade sempre foi uma preocupação do SENAR-PR, agora existe uma proposta de operacionalização e também uma diretriz política para que isso aconteça”, afirma o gerente técnico do SENAR-PR, Eduardo Gomes de Oliveira. Segundo ele, o presidente do Sistema FAEP/SENAR, Ágide Meneguette, corroborou essa direção quando, em seu discurso no início de 2015, colocou o incremento da qualidade dos cursos como uma prioridade a ser buscada.

CONDUÇÃO
DE PASTO

CERTIFICAÇÃO
PROFISSIONAL





Profissionais completos

Iniciada em abril, a elaboração do (PPP) será finalizada em dezembro. O próximo passo é um processo de capacitação da equipe interna do SENAR-PR, a começar pelos supervisores das 11 regionais do Estado, passando para a formação dos mobilizadores para então chegarem nos instrutores dos cursos, que são aqueles que têm contato direto com os alunos. A previsão é que a nova metodologia esteja em prática em 2017.

A construção do PPP contou com a consultoria da educadora e especialista em Metodologias de Ensino Profissionalizante, Dalva Angelina Steil da Silva. O processo de elaboração dessa sistemática também contou com palestras pontuais de especialistas, como a doutora em Ciência da Educação, Ariana Cosme, da Universidade do Porto (Portugal), que disse sobre “Os novos desafios que se tem hoje para a formação de jovens e adultos” para os instrutores do SENAR-PR em agosto deste ano.

Hoje, os participantes têm à disposição diversos cursos nas áreas de Formação Profissional Rural e Promoção Social, que podem ser feitos de forma isolada e desconectada. Com o novo PPP, estes cursos serão oferecidos dentro de uma dinâmica voltada para o mercado, direcionando os participantes para que, ao final, tenham uma formação profissional.

Segundo Dalva, os alunos irão seguir um “roteiro profissional”, onde trilharão cursos afins, para – ao final desse

processo – serem profissionais completos naquela área. Essa proposta, segundo ela, partiu da necessidade de orientar os participantes, que muitas vezes pecam pela falta de foco na própria carreira. “É uma proposta coerente com a oferta flexibilizada de currículos que, ao mesmo tempo, sistematiza todas as demandas”, afirma.

De acordo com Gomes, do SENAR-PR, hoje existe um grande número de participantes que fazem cursos em áreas completamente distintas, sem um foco profissional definido. Outra situação que não deverá mais se repetir com a elaboração do PPP é a dos participantes que repetem diversas vezes o mesmo curso. “Na nova sistemática, ele vai seguir esse roteiro e aprender o todo. Aí então será necessário somente fazer atualizações do conteúdo”, afirma.

Um exemplo dessa nova dinâmica são os cursos que envolvem equipamentos como tratores e máquinas agrícolas, onde a cada dia surgem novos modelos com novas tecnologias. Após cumprir as etapas da sua formação profissional, o aluno será capaz de discernir de forma abrangente e poderá se atualizar de forma pontual no caso de surgir um novo equipamento. “Vínhamos trabalhando de forma reativa. Agora você vai formar um participante que terá condições de se atualizar e pensar de forma mais abrangente”, avalia Gomes. De posse desse conhecimento, o aluno saberá onde e como buscar as informações que precisa. “É uma mudança estrutural no modo do SENAR-PR trabalhar”, completa.

Esse roteiro profissional não é totalmente linear. Existem, alguns cursos que são pré-requisitos para outros, mas não são a maioria. A grande diferença, é que agora haverá um direcionamento nesse processo. O que antes eram ações pontuais isoladas, agora farão parte de um novo entendimento que visa uma



formação completa do profissional rural.

Para auxiliar esse processo está sendo planejada uma plataforma eletrônica, onde o aluno poderá acompanhar seu desempenho. “É um processo de autogestão da carreira, o participante vai poder visualizar o andamento da sua formação, vendo quais cursos já concluiu e quais ainda faltam por concluir para se formar profissional naquela área”, explica Gomes. Nesse painel de controle também será possível verificar em quais municípios estão sendo ofertados os cursos que faltam para completar o itinerário. Para acessar será necessário apenas ter acesso à internet.

Foco na qualidade

“Quando foi criado há 20 anos, o SENAR-PR tinha o foco voltado para a instrução e alguns cursos direcionados à formação profissional”, diz o superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli Neto. “Hoje o mundo do trabalho é outro, mais tecnológico, onde se exige que o trabalhador pense e entenda o que está fazendo. Vamos construir o PPP também com o desafio de prever o perfil do produtor rural daqui a 15 ou 20 anos.”

Esse novo perfil do produtor rural, segundo a consultora Dalva, contempla a capacidade de articular conhecimentos, habilidades e atitudes. “Competência é a capacidade de mobilizar esses elementos”, pontua ela. Com isso, o egresso dos cursos do SENAR-PR será

um profissional completo na área escolhida, não apenas no quesito técnico, mas capaz de atuar de forma conectada e colaborativa.

Uma das últimas etapas desse processo será a construção de um sistema de informação, através do qual o aluno poderá direcionar sua carreira. Elaborado de maneira bastante visual, esse sistema trata cada etapa que o participante precisa trilhar para ter condições plenas de atuar na profissão escolhida. “É o verdadeiro mapa da mina, através do qual o aluno vai poder direcionar e construir sua carreira”, observa Dalva.

Avaliação

Para medir a eficácia dos cursos oferecidos, o SENAR-PR foi buscar junto a universidades e consultorias especializadas uma metodologia de avaliação. “Até então existia apenas uma avaliação de satisfação e do processo de supervisão. A avaliação do resultado não existia”, afirma o gerente de planejamento do SENAR-PR, Henrique Gonçalves.

Essa nova metodologia de avaliação de resultados foi aplicada de forma piloto no curso de Ambiência de Avicultura, que é oferecido no Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) de Assis Chateaubriand. No contexto do PPP, esse curso seria uma das etapas do itinerário profissional.

Esse processo tem quatro etapas. A primeira é a Avaliação Diagnóstica, em que um questionário é aplicado antes do curso para medir o nível de conhecimento do participante naquela área. Após o curso é aplicada a Avaliação de Retenção do Conhecimento, para verificar o quanto o aluno aprendeu de fato daquele conteúdo.

Na sequência vem a Avaliação de Aprendizagem. No caso da avicultura, um questionário é aplicado depois de três ciclos produtivos, no caso de atividades de maior duração, como o cultivo de grãos, por exemplo, a avaliação será feita após a colheita da safra seguinte. O objetivo é verificar se aquilo que foi aprendido foi utilizado na prática. Por fim, é feita a Avaliação de Transferência do Conhecimento, que consiste numa entrevista, que pode ser individual, realizada na propriedade do egresso, ou em pequeno grupo, na qual o avaliador faz uma análise qualitativa de como está sendo aplicado o conhecimento adquirido no curso.

Com base nesses resultados, os gestores do SENAR-PR poderão avaliar se aquele curso oferecido está apto para continuar existindo, se precisa ser reformulado, ou se deve ser desativado. O objetivo de todas essas ações é um só: garantir a qualidade dos serviços oferecidos e formar profissionais mais completos para atuar no agronegócio paranaense.



De olho nas boas práticas

Seminário em Carambeí discutiu conservação e uso racional da terra



A Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab) realizou no dia 9 de dezembro, em Carambeí, na região dos Campos Gerais, o Seminário de Boas Práticas no Uso e Manejo Sustentável dos Solos. O evento ocorre no contexto do Ano Internacional dos Solos, instituído em 2015 pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Ao longo do ano, diversas ações na área de conservação e do uso racional do solo foram desenvolvidas no Paraná, através do Programa Plante seu Futuro, idealizado pela Seab, e que tem o Sistema FAEP/SENAR-PR como um dos principais parceiros.

O evento reuniu cerca de 400 pessoas no Clube Social Carambeí e marcou a última ação do programa em 2015. Ao longo da manhã foram discutidas técnicas para evitar a erosão e a salinização do solo, além da adoção da prática do plantio direto nas lavouras paranaenses e a diminuição do uso intensivo de inseticidas e agroquímicos.

Na ocasião, o representante da FAO no Brasil, Alan Bojanic, apresentou o Relatório Mundial de Preservação dos Solos, publicação da entidade que traz as principais ameaças, tendências, impactos e recomendações para o uso sustentável do solo. O estudo foi elaborado por 200 especialistas de 60 países, e traz dados preocupantes. Mais de 30% dos solos de todo mundo estariam degradados, com algum tipo de erosão, contaminação e

salinização, sendo que 760 mil Km² estariam salinizados por conta de más práticas de conservação.

O ex-secretário da Agricultura Antônio Poloni, assessor da presidência da FAEP, que na ocasião representou o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, destacou a necessidade da pesquisa científica caminhar junto com a realidade do campo. “Hoje há um vazio tecnológico no campo em relação ao uso do solo e da água”, afirmou. Para recuperar a capacidade das universidades e centros de pesquisa atuarem em sintonia com as demandas do meio rural, foi criada a Rede Paranaense de Agropesquisa e Formação Aplicada, com papel de incentivar a inovação e a pesquisa científica e tecnológica para o agronegócio no Estado, permitindo a integração entre universidades e o setor produtivo.

Durante o seminário, também foi realizada uma apresentação do engenheiro agrônomo Jean Paolo Minella, da Universidade de Santa Maria (RS), que mostrou o que a instituição vem conduzindo na área de pesquisa aplicada em conservação de solos.

No final do evento, foram homenageados os três pioneiros da técnica do Plantio Direto no Brasil, Franke Dijkstra, Herbert Bartz e Manoel (Nonô) Pereira (já falecido). “Uma justíssima homenagem a três pioneiros que ajudaram a mudar a cara da agricultura do Paraná, do Brasil e do mundo”, afirmou o secretário estadual da Agricultura, Norberto Ortigara.

Como vão os custos?

Levantamento da FAEP analisou 12 sistemas de produção distribuídos em três regiões do Estado. Os dados são de abril e novembro deste ano



Celso Doliveira

Médico-veterinário do Departamento Técnico Econômico da FAEP

Ao longo do ano de 2015, a FAEP realizou um levantamento dos custos de produção de suínos no Paraná. O trabalho levantou dados das regiões Oeste, Sudoeste e Campos Gerais, onde está concentrada a maior parte da produção de suínos do Estado. Foram considerados diversos sistemas de produção: Unidades Produtoras de Desmamados (UPD), Creches, Unidades Produtoras de Leitões (UPL), Unidades Produtoras de Terminados (UPT) e Unidades de Ciclo Completo (CC). Também foram analisados sistemas no modelo de integração (em cooperativas e indústrias) e independentes. Esse material foi desenvolvido pelo médico-veterinário Celso Doliveira, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP.

Segundo a conclusão do trabalho, que analisou 12 sistemas de produção distribuídos em três regiões do Estado, os dados de abril mostravam que as UTPs e CCs tiveram resultados negativos em todas as regiões, considerando o valor recebido pelos produtores frente aos custos totais de produção. Em novembro, este quadro melhorou um pouco, apenas dois sistemas, UTP e CC da região Oeste tiveram resultado negativo, oito deles marcaram resultados positivos sobre os custos totais de produção.

A análise das UPLs de novembro demonstrou que a região dos Campos Gerais vem trabalhando com um prejuízo de - R\$ 8,57 por leitão de 24 Kg em relação ao custo total de produção. Em relação aos custos variáveis (que não levam em conta a depreciação dos equipamentos e instalações) o resultado é positivo em R\$ 6,72 por animal entregue. As regiões Sudoeste e Oeste apresentaram resultados positivos sobre o custo total em R\$ 1,52 e R\$ 3,41 por leitão de 23 e 22 kg, respectivamente.

O melhor desempenho financeiro das UPLs está na região Oeste.

te, que, apesar do pior desempenho no número de leitões/porca/ano e do menor peso de venda (22 kg), consegue remunerar o produtor com o melhor kg de leitão entregue.

Nas UPDs, os melhores resultados foram encontrados na região Sudoeste. Os saldos foram positivos sobre o custo total em R\$ 3,26 e R\$ 13,21 sobre os custos variáveis. A região Oeste teve resultado positivo de R\$ 3,50 sobre os custos variáveis, mas em relação ao custo total, o resultado foi negativo em – R\$ 3,25.

Segundo Doliveira, a justificativa para esse resultado está no fato da região Oeste ter apresentado custos variáveis 9% maiores em relação à região Sudoeste, associado à entrega de leitões mais leves, com 6 kg, contra 6,5 kg da região Sudoeste.

Os crechários, ou creches, estão localizados apenas na região Oeste do Estado. De acordo com o levantamento, os resultados de novembro foram negativos para os produtores tanto em relação aos custos variáveis, quanto aos operacionais e totais. O aumento nos custos foi influenciado principalmente pelo aumento nos custos dos leitões, que passaram de R\$ 43,26, em abril, para R\$ 78,54, em novembro.

Nas UPTs o levantamento da FAEP analisou as regiões Oeste e Campos Gerais sob dois enfoques: dos produtores independentes e dos integrados, sendo que estes últimos representam a grande maioria dos produtores paranaenses.

Os resultados de novembro são negativos em praticamente todos os quadros analisados, com exceção dos produtores indepen-

dentos dos Campos Gerais, que estão obtendo um saldo positivo de R\$ 70,00 por animal, totalizando um saldo de R\$ 66.450,00 por lote de 1.200 animais de 125 kg. Os produtores integrados, tanto dos Campos Gerais quanto da região Oeste, estão trabalhando no vermelho, sobre todos os custos, exceção feita ao saldo das UPTs da Região Oeste, que obtiveram saldo positivo de R\$ 3,02 por animal terminado com 130 kg.

Nos sistemas de Ciclo Completo, os resultados nas três regiões analisadas foram positivos em novembro na comparação com abril, quando os saldos foram negativos em relação aos custos variáveis de produção.

A melhora da situação dos suinocultores em novembro deve-se, principalmente, ao aumento médio de 33% no preço pago ao produtor. Esse aumento foi suficiente para que os produtores das regiões dos Campos Gerais e do Sudoeste pudessem cobrir seus custos totais, obtendo um saldo de R\$ 25,30 e R\$ 9,00, respectivamente.

Em novembro, a região Oeste também registrou saldos negativos em relação aos custos totais. O prejuízo médio foi de R\$ 52,00 por suíno cevado. Esse resultado é fruto da combinação perversa do maior aumento relativo dos custos (9%) e menor aumento de preço em relação às outras regiões. Enquanto nos Campos Gerais e no Sudoeste esse aumento foi de 44% e 30%, respectivamente, no Oeste foi de apenas 26%.

Os resultados completos do levantamento estão disponíveis no site da FAEP (<http://www.sistemafaep.org.br/>), na área de Serviços.

TABELA COMPARATIVA DOS VALORES RECEBIDOS, DOS CUSTOS TOTAIS E RESULTADOS POR ANIMAL EM REAIS ENTRE ABRIL E NOVEMBRO DE 2015 POR SISTEMA DE PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PARANÁ.

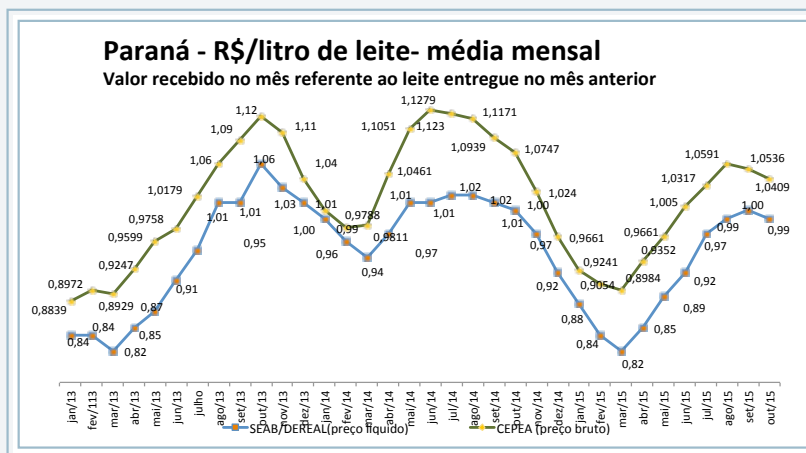
Sistema de Produção	Região	Valor Recebido/animal			Custo Total/animal			Resultado/Animal	
		abr/15	nov/15	Var. %	abr/15	nov/15	Var. %	abr/15	nov/15
UPD	Sudoeste	84,00	81,25	-3%	77,47	77,99	1%	6,53	3,26
	Oeste	93,52	78,54	-16%	65,76	81,79	24%	27,76	-3,25
Creche	Oeste	135,30	139,77	3%	100,96	139,56	38%	34,34	0,21
	Oeste c/ bonif.	146,12	150,95	3%	100,96	139,56	38%	45,16	11,39
UPL	Campos Gerais	130,24	142,08	9%	126,94	150,65	19%	3,30	-8,57
	Sudoeste	136,16	136,16	0%	135,17	134,64	0%	0,99	1,52
	Oeste	135,96	143,00	5%	118,82	139,59	17%	17,14	3,41
UPT	Campos Gerais	324,00	487,50	50%	389,52	417,50	7%	-65,52	70,00
	Oeste	310,50	442,00	42%	361,58	448,06	24%	-51,08	-6,06
CC	Campos Gerais	283,50	448,50	58%	364,25	423,20	16%	-80,75	25,30
	Sudoeste	270,00	350,00	30%	345,90	341,00	-1%	-75,90	9,00
	Oeste	270,00	340,00	26%	358,90	392,00	9%	-88,90	-52,00

Fonte: FAEP

Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná / **CONSELEITE-PR**

RESOLUÇÃO Nº 12/2015

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 15 de dezembro de 2015 na sede FAEP na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II, do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em novembro de 2015 e a projeção dos valores de referência para o mês de dezembro de 2015, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - NOVEMBRO/2015

Matéria Prima	Valor Projetado em novembro/2015	Valor Final novembro/2015	Diferença (final-projetado)
Leite PADRÃO	0,9212	0,9220	0,0008

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - NOVEMBRO/2015 E PROJETADOS PARA DEZEMBRO/2015

Matéria Prima - Valores Finais	Valor Final novembro/2015	Valor Projetado em dezembro/2015	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	0,9220	0,9318	0,0098

(*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funnrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural

Observações: Os valores de referência indicados nesta resolução correspondem a matéria-prima leite denominada "Leite PADRÃO", que se refere ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 400 mil células somáticas /ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de dezembro de 2015 é de **R\$ 1,8182/litro.**

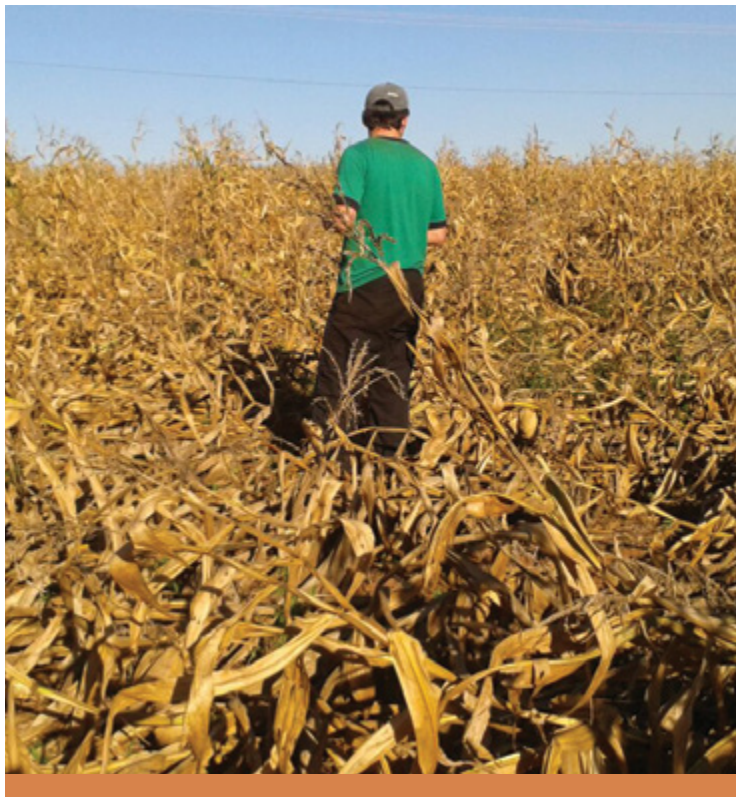
Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.sistemafaep.org.br/conseleite

Curitiba, 15 de dezembro de 2015

RONEI VOLPI Presidente | **WILSON THIESEN** Vice - Presidente

Retrocessos no PSR

Com base em estudo da FAEP, CNA emite nota técnica que critica mudanças no programa de subvenção



O governo federal, através da Resolução nº 42 do Comitê Gestor Interministerial do Seguro Rural (CGSR) alterou em 20 de novembro as regras de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) para o triênio 2016/2018, reduzindo os percentuais de subvenção por cultura e oferecendo subvenção a produtos de baixo nível de cobertura. No dia 16 de dezembro, a Comissão Mista de Orçamento aprovou R\$ 841 milhões para o PSR de 2016, aumentando em 110% a previsão inicial da proposta orçamentária do Executivo. Quando a medida foi editada, o governo trabalhava com a estimativa de orçamento reduzido para R\$ 400 milhões no programa. No entanto, o orçamento passou por alterações em dezembro. “O governo já anunciou a liberação de R\$ 850 milhões do PSR em 2016, mas essas alterações de regras se mantidas são prejudiciais ao produtor rural, inviabilizam a contratação do seguro agrícola de muitas atividades”, critica o presidente da FAEP, Ágide Meneguette.

Diante disso, a Comissão Nacional de Política Agrícola, da Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), divulgou em 16 de dezembro uma nota técnica destacando que as

alterações impactam negativamente o mercado de seguros agrícolas, pois “impedirão que muitos produtores rurais de trigo, milho segunda safra, feijão e frutas tenham acesso ao seguro agrícola. Para essas culturas, a taxa do seguro é bastante elevada, e, com a redução da subvenção, a contratação das apólices se tornará praticamente inviável”, mostra o documento.

A nova regra de subvenção ao PSR vem em descontração com as expectativas do setor agropecuário para essa política agrícola. “No ano em que os produtores estão mais expostos aos efeitos do El Niño, as mudanças editadas pela Resolução nº 42/2015 do CGSR configuraram o maior retrocesso do PSR. Assim, a CNA, ao discutir essas mudanças na sua Comissão Nacional de Política Agrícola, propõe a revogação da Resolução nº 42, do CGSR”, destaca a nota.

A nota técnica foi elaborada com base em um estudo apresentado pela FAEP sobre o impacto das novas regras para os produtores rurais durante a reunião da Comissão Nacional de Política Agrícola, no último dia 9 de dezembro. Na ocasião, a FAEP propôs a revogação da Resolução e representantes de diversas entidades e federações discutiram uma proposta de regras que facilitem o acesso do produtor rural ao seguro agrícola. Entre elas, taxas de

subvenção adequadas à realidade de cada atividade e cultura, conforme o risco e a precificação do prêmio, possibilitando ao produtor pagar taxa líquida de prêmio que possa ser assimilada no custo de produção de cada uma das atividades contempladas.

Além disso, a proposta prioriza o fomento à contratação de seguros com melhores coberturas e elimina o apoio aos seguros agrícolas de baixa cobertura, de custo baixo, mas que custam caro aos produtores quando da ocorrência de adversidades climáticas, pois não dão direito à indenização para perdas de até 50% da produção.

Essas questões já haviam sido apresentadas pela FAEP durante o seminário “O futuro do seguro agrícola no Brasil”, no Instituto Pensar Agro (IPA) da Frente Parlamentar da Agricultura, em Brasília, que definiu uma agenda estratégica e diretrizes de curto, médio e longo prazo. “A FAEP está trabalhando sistematicamente para que o produtor rural não seja prejudicado e não pague pelos erros do atual governo”, destaca Ágide.

Confira a nota técnica na íntegra: <http://goo.gl/dXAna9>

VBP agropecuária

O Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuária brasileira deve atingir R\$ 492,56 bilhões em 2016. A projeção faz parte de um levantamento divulgado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), na terça-feira, dia 15 de dezembro. O valor representa um

recorde histórico, ultrapassando o maior VBP agrícola registrado até agora: R\$ 318,63 bilhões em 2014. Para o VBP das cinco principais cadeias da pecuária em 2016, o MAPA manteve sua estimativa em R\$ 177,74 bilhões, também 0,2% superior ao do ano passado. Em 2016, o VBP da agropecuária continuará a ser liderado pela soja (R\$ 115,68 bilhões, aumento de 12,4%), seguida por bovinos (R\$ 72,59 bilhões, queda de 3,2%).



Parabéns, São João!

O Sindicato Rural de São João parabeniza professores e alunos premiados no Programa Agrinho 2015. O município de São João vem se destacando entre os melhores do Paraná, sendo destaque no Sudoeste com a maior quantidade de premiados. De acordo com o sindicato, o sucesso é resultado da dedicação dos professores e estudantes.

Comissão consultiva do seguro rural



O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) criou a Comissão Consultiva de Agentes, com o objetivo de dar continuidade ao aprimoramento do Programa de Subvenção ao

Prêmio do Seguro Rural (PSR). A comissão vai auxiliar os trabalhos do Comitê Gestor Interministerial do Seguro Rural (CGSR). Segundo o diretor de Crédito, Recursos e Riscos do ministério, Vitor Ozaki, a nova comissão será um canal de comunicação entre o governo e os agentes do mercado de seguro. “A comissão permitirá a obtenção de informações, experiências e sugestões que contribuirão para o aperfeiçoamento do seguro rural”, disse Ozaki.

Essa era uma demanda levantada desde 2012 pela FAEP e por outras entidades ligadas ao agronegócio. Naquele ano foi realizado pela consultoria MBAgro um estudo sobre a importância do seguro rural para a economia do Brasil, propondo diretrizes para o desenvolvimento do mercado de seguro agrícola.

Agora, caberá à comissão analisar e estudar as condições técnicas e operacionais específicas para a implementação e operacionalização do seguro rural como instrumento de política agrícola. Ela será composta por três representantes dos produtores

rurais, dois de federações de agricultura, dois do mercado de seguros (seguradoras e resseguradoras) e um de instituições de ensino e pesquisa na área de seguro rural.

Campina da Lagoa



Culinária Oriental

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou o curso de Produção de Alimentos - Culinária Oriental, nos dias 10 e 11 de dezembro. Participaram 14 produtoras e trabalhadoras rurais, na cozinha da Feira do Produtor com o instrutor Sérgio Kazuo Kawakmi.

Campo Mourão



JAA

No dia 31 de outubro seis turmas do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) estiveram reunidas em Campo Mourão dos municípios de Boa Esperança, Mamborê e Quinta do Sol. Os 95 jovens participaram do jogo Caça ao Tesouro Gigante e fizeram a Trilha Peróba no Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira. As turmas foram acompanhadas pelos instrutores Andréia Barcarol e Geremias Cilião.

Paranavaí



Posse

No dia 27 de novembro foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Paranavaí. Estiveram presentes ao evento: o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, os vice-presidentes da FAEP: Guerino Guandalini e Francisco Carlos do Nascimento. Foram eleitos: como presidente Ivo Pierin Junior, que também é vice-presidente da Federação; Paulo Sergio de Abreu Pierin e Tarcísio Barboza de Souza como vice-presidentes; Álvaro Luiz Correa Matheus Hobold como secretários; Demerval Adilso Silvestre e Valdomiro Peres como tesoureiros.

Cianorte



Tratorista Agrícola

Nos dias 14 e 15 de outubro o Sindicato Rural de Cianorte realizou dois módulos do curso de Tratorista Agrícola: Operação de Implementos (arado de disco, escarificador, grade, subsolador e cultivador) e Semeadeira mais Plantadeira. Participaram 12 produtores rurais com o instrutor Lucas David Schemberger. As aulas teóricas aconteceram no sindicato rural e as práticas foram em parceria com a empresa Commintra Máquinas e Equipamentos Agrícolas.

Campina da Lagoa



Posse

Foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Campina da Lagoa. Foram eleitos: Celio Antônio Bueno como presidente; Rubens Gomes Reis vice-presidente; Nelson Vieira de Andrade tesoureiro e Leonardo Alexandre Czuczman secretário.

Ribeirão do Pinhal



JAA

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal organizou duas turmas do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA). Os 33 jovens tiveram aulas no período de 4 de agosto a 11 de dezembro divididos nos períodos manhã e tarde. A instrutora das turmas Lidiane Braga organizou uma visita técnica no Sítio Três Irmãos, da família Reghin no município de Congonhinhas onde são produzidos (ameixa, alho, cebola e tomate).

Tibagi



Motoniveladora

O Sindicato Rural de Tibagi em parceria com a Prefeitura de Tibagi realizou o curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Motoniveladoras (patroleiro), no período de 26 a 30 de outubro. Participaram 11 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Bruno Bove Vieira.

Palotina



Detran

O Sindicato Rural de Palotina realizou de 9 a 10 de novembro o curso Condutores de Veículos – Detran – atualização – Movimentação e Operação de Produtos Perigosos (Mopp). Participaram 20 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Aparecido Vieira.

Coronel Vivida



Palestra

O Sindicato Rural de Coronel Vivida organizou uma tarde com palestras com as nutricionistas Fernanda Trombetta Barrili e Lisete Engelmann no dia 21 de outubro. Participaram as alunas do curso Mulher Atual que tem como instrutora Marisa Mior Acorsi.

Rondon



JAA

No dia 13 de novembro três turmas do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) fizeram uma visita técnica na Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta de Porto Primavera. As turmas foram organizadas pelo Sindicato Rural de Rondon e da extensão de base de Guaporema. A instrutora Márcia Aparecida Breciane acompanhou o grupo.

Jacarezinho



Agrinho

O Sindicato Rural de Jacarezinho, em colaboração com a Secretaria Municipal de Educação, promoveu o concurso Agrinho Municipal com o objetivo de preparar os alunos para os próximos concursos. O presidente do sindicato Eduardo Sergio A. Quintanilha Braga participou do evento.

Cândido Rondon



Empreendedor

O Sindicato Rural de Marechal Cândido Rondon organizou uma turma do Programa Empreendedor Rural que teve aulas no período de 18 de junho a 04 de novembro. Participaram 17 produtores rurais com o instrutor Solivan Rosanelli.



Brasileiríssima

Uma das frutas mais brasileiras é a goiaba. Nativa do país e popular de Norte a Sul, ela é rica em vitamina C – pode ter até cinco vezes mais dessa substância que a laranja. O óleo extraído da fruta tem uso na indústria de cosméticos, principalmente na fabricação de hidratantes.

Pouca gente sabe, mas a goiaba pode ser usada na culinária, substituindo o tomate em muitas receitas. Tem até catchup de goiaba!

Notícia Triste

Aquele médico mão de vaca vira-se para o paciente e diz:

— Lamento ter de lhe dizer isso, mas do jeito que o senhor vai, não lhe dou dois meses de vida.

O homem desespera-se.

— Como assim? Dois meses? Eu tenho tanta coisa para fazer na vida! Em dois meses eu não vou nem ter dinheiro para pagar o senhor!

— Não vai conseguir me pagar? Nesse caso, eu creio que posso lhe dar mais uns dois meses...

Velhinha

Creme Puff é o nome do gato mais longevo já registrado. A fêmea pertencia a um encanador do Texas, Jake Perry, e viveu por 38 anos (ela morreu em 2004). Perry, aliás, deve fazer alguma coisa direito: ele também criou outro recordista felino, Granpa, que viveu 34 anos. Perry é primo em primeiro grau de Rick Perry, que foi governador do Texas por 15 anos. Seu último mandato terminou em janeiro de 2015.



Em jogo

Torneios de golfe e rugby serão as novidades nos Jogos Olímpicos do ano que vem, no Rio. Ambos são “reincidentes” – o golfe fez parte das competições de 1900 e 1924, o rugby teve aparições em 1900, 1908, 1920 e 1924. Nas edições anteriores, o rugby foi disputado por equipes de 15 jogadores. Nos Jogos do Rio, a modalidade é a chamada de rugby sevens, com times de sete. Para os jogos de Tóquio, em 2020, dois esportes devem ser eleitos pelo Comitê Olímpico Internacional a partir de uma lista que inclui caratê, beisebol, escalada, surfe e skate.

Como uma couraça de aço

O pangolim é um dos bichos mais estranhos do planeta e parece um tamanduá vestido com uma armadura medieval. Há oito tipos de pangolim, que vivem na África e no Sul da Ásia. Um levantamento feito pela World Wildlife Foundation (Fundação para a Vida Selvagem Mundial) colocou-o como o animal mais contrabandeado do mundo, sob ameaça de extinção. Quando ameaçados, eles se fecham em uma bola rígida, tão forte que nem os leões sabem o que fazer com eles.





O sono dos filhotes

Com o que será que esses dois estão sonhando?

Foto tirada na Agropecuária Coldebella, em Palotina, e enviada pelo leitor Aroldo Biezus.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br



Pode comer!

Um estudo britânico feito com mais de 20 mil adultos acompanhados por 12 anos, publicado pela revista científica *Heart*, mostrou que pessoas que consomem chocolate tendem a ter um risco 11% menor de doença arterial coronariana, 25% menor risco de morte relacionada a doença cardiovascular e 23% menor risco de acidente vascular encefálico.

Mas não leve esse número a sério demais. De tempos em tempos aparece alguma pesquisa mostrando que determinados alimentos fazem bem ou mal. Algumas viraram até piada, como o ovo: dizem que em uma semana, as pesquisas dizem que faz mal, na outra, os estudos mostram que é bom. Uma alimentação equilibrada sempre funciona bem para garantir a saúde!

Vítimas de guerra

Em dezembro de 1915 (exatos cem anos atrás!) saía dos estaleiros da empresa Harland and Wolff, na Irlanda, o transatlântico *Britannic*. Ele foi um dos dois irmãos do *Titanic* – aquele que afundou tragicamente em 1912. A Primeira Guerra Mundial havia começado no ano anterior, e ele foi requisitado imediatamente para o serviço militar. Transformado em navio-hospital, ele serviu em viagens pelo Mediterrâneo até que se chocou com uma mina e naufragou, em 21 de novembro de 1916.

Veja outras curiosidades da Primeira Guerra:

Adolf Hitler foi cabo do exército alemão no conflito e foi ferido na coxa na batalha de Somme, em outubro de 1916.

A Rússia começou a guerra ao lado da Entente, formada também por Reino Unido, França e Estados Unidos, entre outros. Em 1917, entretanto, Lênin e os bolcheviques tomaram o poder. A Rússia assinou, então, um tratado de paz em que fazia concessões a Alemanha, Império Austro-húngaro e Turquia, e retirou-se da guerra.

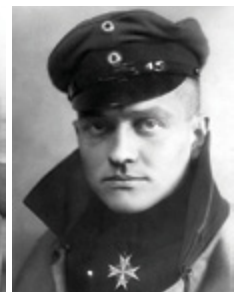
O uso de aviões foi intenso. Batalhas aéreas eram protagonizadas por pilotos hábeis, entre os quais se destacava o alemão Manfred von Richthofen, que ficou conhecido como o Barão Vermelho. Richthofen foi morto em combate em 21 de abril de 1918.



Adolf Hitler



Vladimir Lenin



Manfred Von Richthofen

HÁ ESPERANÇA

O ano de 2015 foi de muitas surpresas desagradáveis na economia e na política. Notícias que tentaram roubar nossas noites de sono nos fazendo acreditar que não tem mais jeito.

Pode-se roubar tudo de um homem, mas não roube sua esperança. Sem esperança desistimos de tentar, de lutar.

Foi essa esperança que fez com que muitos de nossos antepassados ariscassem tudo vindo de outros lugares distantes para construir nosso Estado e este país.

Foi essa esperança que fez com que nossos avós e pais labutassem na terra, desbravando tantas regiões.

Agora chegou a nossa vez. Essa espe-

rança terá que nos sustentar para que possamos continuar lutando com a fé de que é o nosso trabalho que fará a diferença, que o nosso destino pode ser escrito a cada novo dia ao escolhermos fazer diferente.

Afinal, somos brasileiros e, como dizem, o brasileiro não desiste nunca.

Empreender, criar, construir, produzir. Vamos conjugar verbos que sejam criativos e transformem. Vamos continuar mostrando a força que vem do campo, nossa capacidade de nos reinventar e, a cada ano, superar nossos próprios recordes de produtividade.

A safra brasileira de grãos 2014/2015 alcançou 209,5 milhões de toneladas. Vamos nos preparar para alimentar o mundo, levando nossos produtos a cada vez mais países.

Vamos investir em capacitação, em gestão e conhecimento e nos mantermos no topo dos principais produtores de proteína, grãos e tantos outros produtos da nossa agropecuária. Produzindo com qualidade, preservando nossa terra, porque é ela a nossa fonte de vida.

É com essa vontade de continuarmos a fazer a diferença, que caminhamos em direção a 2016.

Na esperança de que nossos valores são maiores e fortes o suficiente para vencer a corrupção, a falta de segurança, a crise econômica, o desemprego crescente, a alta da inflação e até mesmo a turbulência política.

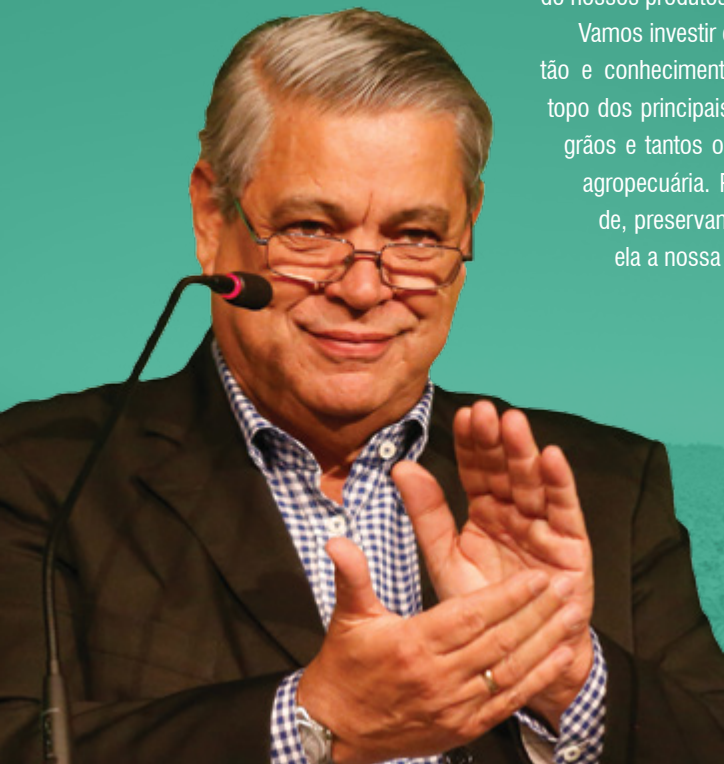
É essa esperança, essa fé de que o amanhã pode ser melhor que ninguém nos roubará.

Em nome da diretoria do Sistema FAEP/SENAR-PR, agradecemos aos nossos sindicatos, aos produtores e trabalhadores rurais por mais um ano de parceria e apoio a todas as nossas ações que foram registradas no decorrer do ano nas páginas deste Boletim Informativo.

Um Feliz Natal e um novo ano próspero e de bons frutos.

Ágide Meneguette

Presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br